

LINDA HOWARD

Nunca te perdi

Tradução de
Teresa Martins de Carvalho



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

Para as minhas amigas, Beverly Barton, que já partiu a sua dose de louça, e Linda Jones, as quais choraram quando eu lhes disse do que tratava esta história.

Para Kate Collins, a minha editora, e a equipa de produção da Ballantine, pelo seu trabalho muito acima e além do dever. Vocês são fantásticos.

Para Robin Rue, a minha agente, que me tem acompanhado com o seu faro. *Já pensaste que estamos juntas há quase vinte anos???* Alguns casamentos não duram tanto tempo.

E para William Gage Wiemann, que supostamente fará a sua aparição no dia 5 de Janeiro de 2004. Eu aposto que ele chegará a oito.

México, 1993

Milla adormecera enquanto o bebé mamava. David Boone deixou-se ficar de pé a observar a mulher e o filho, consciente do sorriso pateta no seu rosto, da plenitude no seu peito. A sua mulher. O seu filho.

Deus, o seu mundo.

O velho fascínio, a obsessão pela medicina, permaneciam, mas temperados agora por algo igualmente fascinante. Jamais suspeitara que o processo da gravidez e do parto, do rápido desenvolvimento do bebé, pudesse ser tão absorvente. Escolhera a especialidade de cirurgia pelo puro desafio que ela representava; a obstetrícia, em comparação, parecera-lhe mais ou menos o mesmo que ver a relva crescer. Bem, por vezes as coisas corriam mal e o obstetra tinha de estar em cima de tudo, mas na sua maioria os bebés desenvolviam-se e nasciam, e era tudo.

Pensara assim até chegar a vez do seu próprio filho. Clinicamente, estivera a par de cada pormenor do desenvolvimento fetal, mas não estava preparado para a pura emoção de ver Milla ficar cada vez mais redonda, de sentir os pequenos pontapés e movimentos do bebé cada vez mais fortes e exigentes. E se a pura emoção o apanhara desprevenido, como se sentiria Milla? Por vezes, mesmo durante o extremo mal-estar físico do último mês de gravidez, apanhara-lhe uma expressão no rosto, um olhar extasiado e abortivo enquanto inconscientemente acariciava o ventre, que lhe dizia estar perdida num mundo apenas habitado por ela e pelo bebé.

Até que Justin chegara, berrão e saudável, e David sentira-se tonto de alívio e euforia. Nas seis semanas desde então, cada dia parecia trazer uma pequena alteração à medida que o bebé crescia; a penugem escura na sua cabeça tornara-se loura, os seus olhos estavam mais azuis e alerta. Começava a reparar nas coisas, a reconhecer vozes, agitando os braços e as pernas num ritmo sacudido e descoordenado à medida que os seus musculinhos ganhavam força. Adorava o banho. Tinha um choro de fome, um choro zangado, um choro de desconforto e um choro birrento. Milla já era capaz de distingui-los ao fim de uns dias.

As alterações na sua mulher eram igualmente fascinantes. Milla sempre tivera um ar de estar à parte do mundo, como se fosse mais uma observadora do que uma participante. Constituíra um desafio desde o momento que a vira pela primeira vez, mas ele fizera-lhe teimosamente a corte até que ela não tivesse outro remédio senão vê-lo como pessoa e não como

uma peça ambulante do cenário. Lembrava-se perfeitamente do exacto instante em que ganhara: encontravam-se numa festa de Passagem de Ano e no meio dos risos, das bebidas e da frivolidade geral, Milla olhara para ele e pestanejara, uma expressão vagamente sobressaltada atravessando-lhe o rosto como se ele se houvesse tornado subitamente bem nítido aos seus olhos. E fora tudo; nenhum beijo ardente, nada de trocas de carícias apaixonadas noite dentro, apenas uma clareza súbita no seu olhar espantado assim que finalmente, verdadeiramente, o *viu*. Então sorriu e deu-lhe a mão, e com aquele simples toque ficaram ligados.

Espantoso.

Okay, era igualmente espantoso que ele tivesse emergido dos estudos e do trabalho o tempo suficiente para reparar nela numa daquelas festas de trabalho mortalmente aborrecidas que os pais, os professores, davam com frequência, mas, assim que o fizera, não conseguira tirar o rosto dela do pensamento. Não era linda; talvez nem fosse propriamente bonita. Mas havia algo nela, nas linhas fortes e bem definidas do seu rosto e na sua maneira de andar, um passo quase deslizante que o fazia pensar que os seus pés talvez não chegassem a tocar bem no chão, que o mantinha permanentemente consciente dela qual mosquito zumbindo à sua volta.

Conhecê-la deixara-o fascinado. Gostara de saber que a sua cor preferida era o verde, que não queria *pepperoni* na piza, que gostava de filmes de acção e, graças a Deus, as fitas de adolescentes a faziam bocejar, o que era surpreendente dado ela ser tão essencialmente feminina. Conforme ela explicava, de coisas femininas já sabia ela, portanto para quê ver mais do mesmo? Coisas triviais, na sua maioria. A sua serenidade encantava-o; mesmo que ela tivesse mau génio, ele nunca dera por ele. Era a pessoa mais perfeitamente equilibrada que ele jamais conhecera, e mesmo ao fim de dois anos de casamento ainda não acreditava bem na sua sorte.

Ela bocejou e estirou-se, o gesto fazendo o mamilo saltar da boca frouxa do bebé, que resmungou e fez uns movimentos de sucção, depois parou. Fascinado, David estendeu o braço e passou-lhe suavemente um dedo pelo monte bojudo do seio nu. Admitia-o; estava deliciado com o novo tamanho dos seios dela. Antes de ficar grávida, Milla tinha uma constituição magra, de atleta de corrida de longa distância. Agora estava mais redonda, mais macia, e a moratória pós-parto no que tocava a sexo estava a dar com ele em louco. Não aguentava esperar até amanhã, quando ela tinha a consulta das seis semanas com Susanna Kasper, a ginecologista-obstetra da equipa. Na realidade, devido a duas urgências que tinham dado cabo do horário de Susanna, já fazia quase sete semanas e ele estava na iminência de uivar para a lua. Masturbar-se atenuava a tensão, mas estava muito longe de ser tão satisfatório como fazer amor com a sua mulher.

Ela abriu os olhos e olhou-o sonolentemente. — Ei, Doogie¹ — murmurou. — A pensar em amanhã à noite?

Ele riu-se, tanto do diminutivo como da forma como ela lhe lera o pensamento — não que lerem-lhe o pensamento fosse um grande feito. Há dois meses que pouco mais tinha no cérebro do que sexo. — Mais nada.

— Pode ser que o Doogie Jr. durma toda a noite. — Acariciou suavemente a penugem da cabeça do bebé, e ele respondeu fazendo mais movimentos de sucção com a boca. Duvido — disseram em simultâneo —, e David riu-se outra vez. Justin tinha um apetite voraz; queria mamar pelo menos de duas em duas horas. Milla preocupara-se que o seu leite não fosse suficientemente forte, ou que não o tivesse suficientemente abundante, mas Justin medrava a olhos vistos e Susanna dissera que não havia motivo para preocupações, o bebé era simplesmente um leitãozinho.

Milla bocejou de novo e, preocupado, David tocou-lhe a face. — Só porque a Susanna te vai dar luz verde amanhã não significa que *tenhamos* de fazer amor. Se estás muito cansada, podemos esperar. — Susanna certificara-se, de maneira que ele compreendesse bem, sobre a exaustão de uma recém-mamã, especialmente se estava a amamentar.

Interrompida a meio do bocejo, Milla olhou-o bem nos olhos. — Ai, isso é que fazemos — disse ferozmente. Se pensas que vou esperar um minuto mais... O Justin terá sorte se eu não o deixar com a Susanna enquanto vou à tua procura pela clínica fora.

— Vais-me encostar um bisturi ao pescoço e obrigar-me a despir-me? — perguntou ele, com um sorriso radioso.

— É uma ideia. — Pegou-lhe na mão e levou-lha outra vez ao peito, roçando-lhe o mamilo pelos dedos. — Já se passaram mais de seis semanas. Não temos de esperar pelo consentimento oficial da Susanna.

A ideia agradava-lhe. Com efeito, isso já lhe ocorrera antes, mas não queria que Milla pensasse que não se importava com mais nada senão com o sexo. Ficou aliviado por ter sido ela a falar no assunto em primeiro lugar, e sentiu-se tentado. Olhou de relance para o relógio de pulso e as horas fizeram-no soltar um grunhido. — Tenho de estar na clínica daqui a dez minutos. — Àquela hora já devia haver uma fila de pessoas à porta da clínica, preparadas para aguardarem pacientemente horas até serem vistas por um médico. Ele era o cirurgião da equipa, e de facto tinha uma cirurgia marcada para dali a meia hora. Mal tinha tempo de chegar à clínica,

¹ Alusão à personagem principal da série de televisão norte-americana da ABC, “*Doogie Howser, M.D.*” (“Doogie Howser, o menino médico” em Portugal), estreada em 1989 e tendo por tema um menino-prodígio que se torna o mais jovem médico a exercer no país. (N. da T.)

mudar-se e lavar-se. Não que precisasse de mais de dez segundos para atingir o clímax, da forma como se sentia, mas Milla definitivamente precisava de mais tempo.

— Logo à noite, então — disse Milla, virando-se de lado e sorrindo para ele. — Vou tentar manter o Justin acordado o maior tempo possível para que durma depois.

— Boa ideia. — Ele pôs-se em pé e agarrou nas chaves. — O que vais fazer hoje?

— Nada de especial. Vou de manhã ao mercado antes que aqueça de mais.

— Traz umas laranjas. — Ultimamente andava com o vício das laranjas, como se o organismo estivesse carenciado de vitamina C. Andava a passar longas horas no bloco operatório, por isso talvez estivesse. Inclinou-se e beijou Milla, depois roçou os lábios pela bochecha aveludada de Justin. — Trata bem da Mamã — disse ao filho adormecido, e saiu correndo porta fora.

Milla deixou-se ficar na cama uns minutos mais, gozando a paz e sossego. Nesse preciso instante, ninguém queria nada dela. Pensara que estava preparada para cuidar de um bebé, mas de alguma forma não tivera plena consciência de que quase não teria tempo para descansar. Quando não era Justin a precisar de ser amamentado ou trocar de fralda, corria de um lado para o outro a tentar dar conta das outras tarefas todas, e sentia-se tão cansada que cada passo parecia ser penosamente dado dentro de água. Não tinha uma boa noite de sono há meses, segundo lhe parecia. Não, há meses *mesmo*; mais ou menos quatro, desde que o bebé crescendo a olhos vistos ficara suficientemente grande para lhe fazer pressão sobre a bexiga e passara a ter de urinar de meia em meia hora. O bebé encontrava-se descaído, circunstância que, segundo Susanna, lhe facilitava a respiração mas, em contrapartida, a fazia urinar muito. Ser mãe era tudo menos glamoroso; era compensador, mas decididamente não glamoroso.

Sabia estar com um sorriso resplandecente enquanto observava o filho adormecido. Ele era tão bonito; toda a gente o dizia, soltando exclamações quanto ao seu cabelo louro e olhos azuis e ao enlevo da sua boquilha. Parecia o Bebé Nestlé, essa criança de sonho com grandes olhos cuja imagem adornava milhões de produtos para bebé. Tudo nele deixava Milla enlevada, desde as unhas minúsculas dos dedos das mãos até às covinhas que se formavam à medida que ele engordava. Era capaz de ficar simplesmente sentada a olhar para ele o dia inteiro... se não tivesse tantas outras coisas para fazer.

A sua mente desviou-se imediatamente para o trabalho ao recordar todas as coisas que tinha para fazer nesse dia, como lavar roupa, limpar, co-

zinhar, e, assim que tivesse um momento livre para se sentar, tratar da papelada da clínica. E algures durante o dia tinha de se encarregar de tarefas bem femininas como lavar a cabeça e depilar as pernas, pois tinha um encontro escaldante com o marido nessa noite. Jamais se cansaria de ser mãe, mas estava decididamente pronta para ser mais qualquer coisa também, como uma mulher sexualmente apetecível. Sentia falta de sexo; David fazia amor com a total concentração que devotava a tudo o que o interessava, o que era muito agradável quando se era alvo dessa concentração. Na verdade, era mais que agradável. Era simplesmente maravilhoso.

Primeiro, no entanto, tinha de ir ao mercado antes que o dia ficasse demasiado quente.

Só mais dois meses aqui, pensou. Teria saudades do México: das pessoas, do sol, da lentidão do tempo. O ano que David e os colegas tinham dispensado à clínica de assistência gratuita estava quase a acabar; depois, seria o regresso à corrida de ratazanas do exercício da medicina nos Estados Unidos. Não que não lhe agradasse estar em casa, de volta junto da família e dos amigos e de amenidades como supermercados com ar condicionado. Queria fazer coisas como levar Justin a passear no parque ou visitar a sua mãe durante o dia. Sentira muito a falta da mãe durante os longos meses de gravidez, e os telefonemas esporádicos mais uma visita rápida a casa, simplesmente não tinham sido suficientes.

Quase decidira não vir para o México com David; descobrira que estava grávida mesmo antes de partirem. Mas não quisera passar tanto tempo longe dele, especialmente enquanto esperava o primeiro filho de ambos. Depois de conhecer Susanna, a ginecologista-obstetra da equipa médica, decidira manter o plano original. A mãe tinha ficado horrorizada — o seu neto ia nascer noutro país! — mas a gravidez decorrera normalmente, sem quaisquer problemas médicos. Justin chegara praticamente no tempo certo, apenas dois dias após a data prevista, e desde então Milla sentia-se como que a viver numa névoa de partes iguais de amor e fadiga.

Isto era tão completamente o oposto do que ela imaginara que seria a sua vida, que não podia deixar de achar graça. Armada da sua reputada licenciatura em artes liberais, planeara mudar o mundo, uma pessoa de cada vez. Ia ser o tipo de professora de quem as pessoas se lembravam quando já eram avós, o tipo de professora que fazia realmente a diferença na vida dos seus alunos. Sentia-se confortável no meio académico, mesmo com as suas politiquices; planeara continuar os estudos até completar o doutoramento, depois leccionar numa universidade. Casamento — sim, ao fim de uns tempos. Talvez quando tivesse trinta ou trinta e cinco anos. Filhos — talvez.

Em vez disso tinha conhecido David, um menino-prodígio da medicina. Era filho do seu professor de História, e quando ela se tornara aluna

assistente do professor ficara a saber tudo a respeito dele; o QI de David estava muito acima do nível de gênio; acabara o ensino secundário aos catorze anos, o bacharelato aos dezassete, licenciara-se em medicina num ápice e já era cirurgião em exercício aos vinte e cinco anos quando ela o conhecera. Ela estava à espera de que ele fosse um sabichão arrogante — com alguma justificação — ou um intelectual insuportável.

Não era nem uma coisa nem outra. Em vez disso era um jovem atraente com o rosto frequentemente marcado de exaustão das longas horas passadas a operar, a crescer a uma necessidade incansável de saber mais que o mantinha mergulhado em livros de medicina muito tempo depois de já dever estar a dormir. Tinha um sorriso doce e provocante, uns olhos azuis carregados de bom humor, o cabelo louro normalmente desgrenhado e às três pancadas. Era alto, o que lhe agradava, uma vez que ela media quase um metro e setenta e quatro e gostava de usar saltos altos. Na realidade, gostava de tudo nele, e quando ele a convidara para sair não hesitara.

Mesmo assim, tinha ficado admirada, numa festa de Passagem de Ano, ao apanhá-lo a olhar para ela com uma expressão carregada de desejo nos olhos. A constatação atingira-a como um murro no estômago, como se Josué tivesse soprado a sua trombeta e todas as muralhas houvessem desabado. David amava-a, e ela amava-o. Tão simples quanto isso.

Tornara-se sua mulher aos vinte e um anos, assim que se licenciara, e agora, aos vinte e três, tinha sido mãe. Não lamentava um minuto que fosse. Ainda planeava leccionar, quando regressassem aos Estados Unidos, e ainda planeava prosseguir os estudos, mas não voltaria atrás numa só decisão que a levava ao pequeno milagre que era o seu filho. Desde o momento que se apercebera de que estava grávida, deixara-se absorver pelo processo e de tal forma embevecer pelo bebé, que se sentia como que iluminada por dentro por um poderoso brilho incandescente. Esse sentimento ainda era maior agora, ao ponto de se sentir atraída para Justin mesmo que ele estivesse no quarto ao lado a dormir. Por mais cansada que se sentisse, deleitava-se com essa ligação.

Levantou-se da cama e, cuidadosamente, colocou as almofadas à volta do bebé, embora ele ainda não se conseguisse virar. Ele não se mexeu enquanto ela se lavava rapidamente, passava uma escova pelo cabelo curto e encaracolado e depois vestia um dos vestidos soltos de alças que trouxera para usar especificamente depois de dar à luz. Ainda tinha praticamente sete quilos mais do que pesava antes de engravidar, mas o excesso de peso não a incomodava... por aí além. Até que lhe agradava a maciez maternal, e David sem dúvida que gostava da forma como os seus seios tinham aumentado da copa B para a D.

Pensou na noite que aí vinha e estremeceu de antecipação. Há uma

semana, David trouxera para casa uma caixa de preservativos da clínica, e a simples presença da embalagem deixara-os aos dois ligeiramente malucos. Haviam usado preservativos durante uns tempos quando se tinham tornado amantes; depois ela tomara a pílula anticoncepcional até decidirem ter um bebé. Ter de usar preservativos outra vez fazia-a sentir-se como se fosse de novo a primeira vez, quando estavam num frenesim para se possuírem um ao outro e era tudo tão novo, intenso e assustador.

Justin começou a contorcer-se um bocadinho, com a boca franzida como que à procura do seio da mãe. Abriu os olhos azuis, começou a agitar os punhos minúsculos e emitiu o resmungo que precedia o choro “estou molhado, muda-me”. Arrancada do sonho em que fazia amor com o pai dele, Milla pegou numa fralda limpa e inclinou-se sobre ele, arrulhando enquanto o mudava. Ele conseguiu focar o olhar no rosto dela, e fitou-a como se nada mais existisse no seu universo, a boca aberta de deleite, agitando os braços e as pernas.

— Quem é o bebé da Mamã — arrulhou enquanto o levantava. Assim que o aconchegou na dobra do braço, ele começou a foçar-lhe o seio. — Quero dizer, o “leitãozinho da Mamã” — emendou, sentando-se e desabotoando a parte da frente do vestido. Sentiu automaticamente um formigar nos seios, e suspirou de puro prazer quando o bebé abocanhou o mamilo e começou a sugar. Baloçou-se suavemente para trás e para diante, brincando com os seus dedos das mãos e dos pés enquanto lhe dava de mamar. Fechou os olhos sonhadoramente, e cantarolou uma cantiga de embalar, gozando o momento. Podia passar sem as fraldas sujas e a privação de sono, mas adorava esta parte de ser mãe. Quando o tinha assim ao colo, nada mais importava.

Ele acabou de mamar, e ela deitou-o outra vez enquanto arranjava um pequeno-almoço rápido. Depois de lavar os dentes, passou pelo dorso o porta-bebé de ganga azul e colocou lá o filho. Ele acomodou-se com a cabeça pousada de maneira a escutar-lhe o bater do coração, os olhos azuis já a fecharem-se de sono. Pegando num chapéu e num cesto, com o dinheiro no bolso, saiu rumo ao mercado.

O percurso a pé não chegava a um quilómetro. O brilhante sol matinal prometia um calor abrasador lá para o meio-dia, mas por enquanto o ar estava fresco e seco, e o pequeno mercado de aldeia ao ar livre estava cheio de fregueses matutinos. Havia laranjas e pimentos de cores vivas, bananas e melões, fiadas de cebolas amarelas. Milla deambulou, tagarelando ocasionalmente com algumas mulheres da aldeia quando elas paravam a admirar o bebé, escolhendo sem pressas as coisas que queria.

Justin estava aninhado em forma de bola como os recém-nascidos, as pernas ainda encolhendo-se automaticamente na posição fetal. Ela ajei-

tou o chapéu de modo a protegê-lo do sol. Uma brisa suave e agradável soprava-lhe nos caracóis curtos castanhos-claros e levantava a fina penugem loura do bebé. Ele mexeu-se, a sua boquinha de botão de rosa fazendo movimentos de sucção. Milla pousou o cesto e deu-lhe umas palmadinhas nas costas minúsculas, e ele deixou-se dormir outra vez.

Parou numa banca de fruta e encetou uma conversa animada, ainda que entrecortada, com a velhota atrás dos montes de laranjas e melões. Percebia melhor do que falava, mas conseguia fazer-se entender. Usou a mão livre para apontar para as laranjas que queria.

Não os viu vir. Subitamente foi rodeada por dois homens, acoçada pelo seu calor e odor corporal. Instintivamente começou a recuar, apenas para dar consigo bloqueada pelos seus corpos à volta dela. O da direita sacou uma faca da cintura e agarrou as alças do porta-bebé, cortando-as à pressa antes que Milla pudesse fazer alguma coisa mais do que emitir um grito de espanto. O tempo pareceu parar, dando-lhe instantâneos entrecortados dos poucos segundos que se seguiram. A velhota afastou-se para trás, com uma expressão alarmada. Milla sentiu o porta-bebé que mantinha Justin seguro junto de si começar a ceder, e em pânico agarrou o bebé. O homem à sua esquerda arrancou-lhe o bebé com uma mão, e empurrou-a com a outra.

De alguma forma ela conseguiu equilibrar-se, o terror enchendo-lhe o peito quando se atirou contra o homem, aos gritos, lutando para lhe tirar o bebé à força. As unhas desceram-lhe pelo rosto, quais garras, deixando sulcos de sangue, e ele recuou para se defender.

O bebé, acordado em sobressalto, choramingou. A multidão dispersou-se, alarmada pela violência súbita. — Socorro! — guinchou ela uma e outra vez enquanto tentava agarrar Justin, mas toda a gente parecia correr para longe e não para junto dela. O homem tentou empurrá-la outra vez, espalmando-lhe a mão na cara. Milla mordeu-o, afundando-lhe os dentes na mão e rilhando até sentir sangue na boca e ele gritar de dor. Levou-lhe as mãos aos olhos, as unhas afundando-se numa maciez esponjosa. Os dele berros dele transformaram-se em urros chocados, e a mão que segurava Justin afrouxou. Desesperada, ela agarrou-se ao bebé, conseguindo deitar mão a um bracinho solto, e durante um momento de fazer rebentar o coração julgou tê-lo apanhado. Então sentiu o outro homem aproximar-se por trás dela, e uma dor lancinante e paralisante nas costas.

O seu corpo foi acometido de uma convulsão e caiu como uma pedra no chão, os dedos arranhando a terra, impotentes. Com o bebé enrolado qual bola de futebol sob o braço de um assaltante, os dois homens afastaram-se a correr, um deles levando uma mão ensanguentada ao rosto e gritando pragas enquanto fugia. Milla ficou estendida no chão

debatendo-se com a agonia que lhe assolava o corpo, debatendo-se com a falta de ar para gritar. Os pulmões pareciam-lhe rebentar de esforço mas aparentemente não sugavam qualquer ar. Tentou levantar-se; o corpo não reagiu. Um véu negro começou a toldar-lhe a visão, e conseguiu gemer, uma e outra vez, “O meu bebé! O meu bebé! Alguém vá buscar o meu bebé!”

Ninguém se mexeu.

•

David já tinha operado uma hérnia e estava a lavar-se enquanto Rip Koper, o marido de Susanna e anestesista da equipa, verificava pela última vez a pressão arterial e pulsação do doente para se certificar de que estava tudo bem antes de o passar a Anneli Lansky, a enfermeira, para monitorização. Tinham aqui uma boa equipa de trabalho: sentiria falta deles quando o ano chegasse ao fim e voltassem todos à rotina de trabalho nos Estados Unidos. Não sentiria falta da exígua clínica de um piso construída de blocos de betão, com o seu chão de mosaico rachado e deficiente equipamento, mas definitivamente sentiria falta tanto da equipa como dos seus doentes — e sentiria igualmente falta do México em si.

Estava a pensar no caso seguinte, uma vesícula biliar, quando ouviu uma agitação no corredor do outro lado da porta. Ouviam-se gritos e imprecações, uns sons tumultuosos, e uns lamentos agudos. Enxugou as mãos e dirigia-se para a porta no preciso momento em que Juana Mendoza, outra enfermeira, começou a gritar por ele.

Chegou à porta, já a correr, e estacou no corredor antes de esbarrar contra um amontoado de gente que incluía Juana, Susanna Koper, e dois homens e uma mulher que carregavam desajeitadamente outra mulher. A amálgama de corpos ocultava o rosto da vítima, mas David reparou que ela tinha o vestido ensopado de sangue e imediatamente passou ao modo de emergência. — O que é que aconteceu? — perguntou ao mesmo tempo que afastava um caixote do caminho com um pé e arrastava uma maca.

— David. — A voz de Susanna soou firme e áspera. — É a Milla.

Por um momento as palavras não fizeram sentido e ele olhou à sua volta, esperando ver a mulher atrás de si. Então apercebeu-se do que Susanna queria dizer e viu o rosto lívido da mulher, inconsciente, viu a nuvem de suaves caracóis castanhos em torno do seu rosto, e tudo deixou de fazer sentido. Milla? Não podia ser Milla. Ela estava em casa com Justin, sã e salva. Esta mulher que parecia esvair-se em sangue era simplesmente parecida com a sua mulher, nada mais. Não era realmente Milla.

— David! — Desta vez o tom de Susanna soou ainda mais áspero. — Acorda! Ajuda-nos a pô-la na maca.

Apenas a experiência lhe permitiu reagir, dar um passo em frente e erguer a mulher que se parecia com Milla para a maca. Tinha o vestido ensanguentado, os braços e as mãos ensanguentados, as pernas e os pés e até os sapatos ensanguentados. Não — um sapato apenas, uma sandália que se parecia mesmo com um par de sandálias que Milla usava frequentemente. Viu-lhe o verniz cor-de-rosa das unhas dos pés, e a delicada corrente de ouro à volta do tornozelo direito, e sentiu-se desmoronar por dentro.

— O que aconteceu? — perguntou, a voz rouca e longínqua e nada parecida com a sua, ainda que o corpo se pusesse em acção e todos se apressassem a empurrar Milla para o bloco cirúrgico que ele acabara de deixar.

— Facada na região lombar — disse Juana, ouvindo o balbuciar de vozes à volta deles antes de fecharem a porta e se isolarem da maior parte do barulho. — Foi atacada por dois homens no mercado. — Inspirou, trémula. — Levaram o Justin. A Milla ofereceu resistência, e um deles apunhalou-a.

Rip, alertado pelo tumulto, entrou de rompante na sala. — Meu Deus — exclamou ao ver Milla; depois mergulhou em silêncio e começou a pôr o equipamento a postos.

Justin! David cambaleou do segundo choque, e deu meia-volta na direcção da porta. Dois filhos da mãe tinham roubado o seu filho! Deu mesmo um passo para longe da maca, em direcção à porta, para ir a correr à procura do seu bebé. Depois hesitou, e olhou para a mulher.

Não tinham tido tempo de limpar o bloco operatório, ou de repor os instrumentos nos tabuleiros. Anneli entrou a correr e começou a agarrar naquilo de que iam precisar. Juana enrolou uma faixa de medir a tensão arterial à volta do braço inerte de Milla e bombeou-a rapidamente, enquanto Susanna lhe cortava as roupas à tesoura. — Tipo sanguíneo O positivo — ia dizendo Susanna. Como é que ela sabia? Oh, sim, tinha apurado o tipo de sangue de Milla antes do parto de Justin.

— Sessenta/quarenta — informou Juana. Movendo-se tão depressa como um relâmpago, inseriu um cateter endovenoso no braço de Milla e acoplou-lhe um saco de plasma sanguíneo.

La perdê-la, pensou David. Milla ia morrer mesmo à sua frente, a menos que acordasse do choque e agisse. Pela posição do golpe, a faca atingira-lhe provavelmente o rim esquerdo, e sabia Deus que outros danos teriam sido causados. Ela estava a esvair-se em sangue; restavam-lhe apenas uns minutos antes que os órgãos internos comessem a entrar em colapso...

Expulsou tudo o mais da cabeça, e empurrou as mãos na direcção do par novo de luvas que Anneli lhe estendia. Não tinha tempo para se desinfecar; não tinha tempo para ir à procura de Justin; apenas teve tempo

de pegar no bisturi que lhe foi colocado prontamente na palma da mão e invocar toda a sua perícia. Rezou, praguejou, e lutou contra o tempo à medida que cortava o corpo da mulher. Conforme suspeitara, a lâmina da faca atingira-lhe o rim esquerdo. Atingira-o, o caraças; praticamente cortara o órgão ao meio. Não havia como salvar o rim, e se não o removesse depressa e estancasse os vasos sanguíneos num tempo recorde, não havia como salvar Milla também.

Foi uma corrida feroz e impiedosa. Se desse um passo em falso, se hesitasse, se alguma coisa fosse deixada cair ou falhasse, ele perderia, Milla perderia. Não era cirurgia como ele estava acostumado a praticar; era cirurgia de campo de batalha, rápida e brutal, com a vida dela pendente de cada decisão e ação em cada fracção de segundo. Enquanto lhe faziam uma transfusão de todo o sangue de que dispunham, ele lutava para evitar que este se escoasse dela com a mesma rapidez com que entrava. Pouco a pouco estancou a hemorragia, localizou cada vaso sanguíneo mutilado, e lentamente começou a ganhar a corrida. Não sabia dizer quanto tempo demorou; não perguntou nunca nem nunca chegou a saber. Não importava *quanto tempo*. Tudo o que importava era ganhar, pois a alternativa era mais do que ele podia suportar.

| 2 |

Dez anos mais tarde
Chihuahua, México

Paige Sisk encostou-se ao noivo, Colton Rawls, com os olhos a fecharem-se enquanto dava uma grande passa de *erva* e passava o charro a Colton. Oh, meu, todos aqueles panhonhas que não se calavam com as coisas horríveis que lhe podiam acontecer no México estavam tão redondamente enganados. O México era do melhor. Quer dizer, ela não era idiota nenhuma, não se ia pôr a sacar *erva* à frente de algum polícia mexicano, embora tivesse ouvido dizer que bastava acenar-lhes com umas notas que o problema desaparecia. Como se ela quisesse desperdiçar o dinheiro em subornos.

Já ali estavam há quatro dias. Colton achava que Chihuaha era do mais fixe. Tinha um caso sério com Pancho Villa; até ali chegarem, ela pensava que isso fosse uma espécie de casa onde se faziam ponchos. O úni-

co Pancho de que jamais ouvira falar fora num *western* bem velhinho em que um tonto qualquer não parava de dizer “Oh, Pancho” para outro tonto ainda maior com um grande chapéu, mas Colton disse que não, que este Pancho é que era o Pancho a valer. Como se houvesse Panchos falsos. Fosse como fosse. Colton dera com ele. Tinham ido duas vezes ver aquele velho *Dodge* cheio de marcas de balas onde supostamente o verdadeiro Pancho tinha sido feito em queijo suíço, tal e qual como Bonnie e Clyde.

No que lhe dizia respeito a ela, Pancho Villa era apenas um velho peido morto. Não queria saber do seu estúpido *Dodge*. Agora, se ele guiasse um *Hummer*, isso, sim, teria sido fixe.

— Se ele guiasse um *Hummer* — disse ela — podia ter atropelado os sacanas que estavam a atirar contra ele.

Colton emergiu da sua névoa para pestanejar de confusão. — Quem é que guia um *Hummer*?

— O Pancho Villa.

— Não, era um *Dodge*.

— É isso que eu estou a dizer. — Impaciente, ela deu-lhe com o coto-velo. — Se ele guiasse um *Hummer*, podia ter passado por cima deles.

— Não havia *Hummers* nessa altura.

— Deus! — disse ela, exasperada. — És tão literal. Eu disse *se!* — Pegou no charro e deu outra passa, depois levantou-se da cama. — Vou à casa de banho.

— *Okay*. — Feliz por ficar com o charro só para si, Colton recostou-se nas almofadas e fez-lhe um pequeno aceno quando ela ia a sair do quarto. Ela não acenou de volta. Ir à casa de banho não era coisa que a fizesse feliz; havia apenas uma naquele andar, havia uma revista em vez de papel higiénico para se limpar, e cheirava mesmo mal. Mas Colton insistira em que ficassem ali em vez de num dos hotéis melhores, pois os quartos eram muito baratos. Bem, claro que eram baratos; qual era o anormal que ia pagar um bom preço para ficar ali? E encontrava-se mesmo perto do mercado, o que era *impeque*.

Sentia-se mesmo zozna da *erva*, mas não tão zozna que a casa de banho não a incomodasse. A fechadura também estava estragada. Tinham atado um atacador de sapatos à volta da maçaneta, pregado um prego na moldura da porta mesmo ao lado da maçaneta, e para fechar a porta atava-se a outra ponta do atacador à volta do prego. Lá manter a porta fechada, mantinha, mas ela não tinha grande fé no método. De maneira que sempre que tinha de lá ir, fazia literalmente tudo a correr.

Oh, merda; esquecer-se de trazer a lanterna. As luzes nunca se tinham apagado quando estava na casa de banho, mas toda a gente insistia que de vez em quando acontecia *mesmo*, e ela tinha tanto medo do escuro

que dera ouvidos ao aviso. Tentou apressar-se, mas, caramba, às tantas não dava para mijar mais depressa e ela tinha aguentado até estar miseravelmente cheia pois odiava ir àquela casa de banho. Agachada sobre a sanita — nem pensar em sentar-se naquela coisa — não conseguia parar, e as pernas começavam a doer-lhe de tal maneira que pensou ter de se sentar apesar de tudo, e depois o que havia ela de fazer, ferver o rabo?

Mas por fim lá acabou, limpou-se com uma folha da revista e gemeu de alívio quando se ergueu da sua incómoda posição. Se alguma vez conseguisse tirar Colton de Chihuahua e do *Dodge* cravejado de balas de Pancho Villa de modo a poderem continuar a viagem de férias, insistiria para que ficassem em sítios melhores.

Puxou os calções para cima, lavou as mãos, e enxugou-as no rabo pois esquecera-se de trazer uma toalha com ela, depois desapertou o atacante do prego. A porta abriu-se e ela apagou a luz mortiça ao mesmo tempo que saía para o corredor às escuras. Deteve-se, vacilante. Supostamente deveria haver uma luz no corredor. Havia, quando ela viera para a casa de banho. A lâmpada devia ter-se fundido.

Sentiu um arrepio nas costas. Não gostava *mesmo* nada do escuro. Como ia ela voltar para o quarto sem ver nada à frente?

Uma tábua rangeu, à sua esquerda. Ela deu um salto com um pé no ar e tentou gritar, mas tinha o coração na boca e não conseguiu mais do que um guincho.

Uma mão rude fechou-se-lhe sobre a boca; sentiu uma onda de fedor corporal, depois uma coisa dura a bater-lhe na cabeça e tombou, inconsciente.

El Paso, Texas

O telemóvel de Milla tocou. Por um momento pensou não atender; estava morta de cansaço, abatida, e com uma dor de cabeça atroz. A temperatura exterior era de quase quarenta e dois graus, e mesmo com o ar condicionado no máximo dentro do *SUV*,² o calor que entrava através do pára-brisas queimava-lhe os braços. A imagem do rosto brutalizado de Tiera Alverson e dos olhos azuis sem expressão da adolescente de catorze anos a olharem

² *Sport Utility Vehicle*, sigla em Inglês de Veículo Utilitário Desportivo, designação comercial de veículos de tipo carrinha, fabricados a partir de chassis de pequenos camiões. Aliando um bom espaço interno para passageiros à versatilidade de carga de uma carrinha *pick-up*, são igualmente um símbolo de *status*. (N. da T.)

o vazio não lhe saía do pensamento. Nos seus sonhos dessa noite ouviria os soluços convulsivos de Regina Alverson quando lhe tinham dito que a sua menina nunca mais iria voltar para casa. Às vezes a Finders era bem-sucedida, mas, outras, chegava tarde de mais. Hoje, tinham chegado tarde de mais.

A última coisa que Milla desejava fazer agora era sentir as dores de outra pessoa; as suas já lhe bastavam. Mas ela nunca sabia quem é que lhe queria falar, ou por que razão, e afinal de contas ela própria fizera da tarefa de encontrar pessoas desaparecidas a sua cruzada pessoal. De modo que abriu os olhos apenas o suficiente para ver em que tecla carregar, fechando-os imediatamente ao feroz brilho do sol do fim da tarde. — Está?

— *Señora* Boone? — A voz com sotaque soando através do altifalante encheu o *Chevrolet SUV*. Milla não a reconheceu, mas ela falava com tantas pessoas diferentes todos os dias, que lhe era impossível reconhecer todas. Mas tratava-se sem dúvida de trabalho, pois apenas era conhecida como Milla Boone no que tocava à Finders. Após o divórcio, adoptara outra vez o nome de solteira, Edge, mas o público associava de tal maneira o apelido Boone à causa de descobrir crianças desaparecidas que fora forçada a usá-lo em toda a publicidade e tudo o que tivesse que ver com a Finders.

— Sim, é a própria.

— Há um encontro esta noite. Guadalupe, às dez e meia. Atrás da igreja.

— Que tipo de encontro... — começou, mas a voz interrompeu-a.

— Estará lá o Diaz.

Desligaram. Milla sentou-se, esquecida da dor de cabeça com a descarga de adrenalina a invadir-lhe o corpo. Desligou o telefone e sentou-se muito quieta, com os pensamentos a mil.

— *Qual* Guadalupe? — perguntou Brian Cusack do assento do condutor, cheio de frustração, pois ouvira tudo.

— Se não for a mais próxima, então não interessa. — Havia várias Guadalupe no México, variando em população de cerca de cinquenta mil a apenas um punhado de umas duas centenas de almas. A mais próxima da fronteira tinha o estatuto de aldeia.

— Merda — disse Brian Cusack. — *Merda*.

— É mesmo. — Já passava das seis; não estaria ninguém no escritório para providenciar apoio de retaguarda. Ia tentar apanhar as pessoas em casa, mas não havia tempo a perder. Se o encontro era às dez e meia, então precisavam de estar posicionados no local pelo menos uma hora antes. Guadalupe ficava mais ou menos a oitenta quilómetros de El Paso e Juarez. Com aquele trânsito, levar-lhes-ia três quartos de hora a uma hora a chegar à fronteira. Era mais simples estacionar o *SUV*, atravessar a ponte a pé até

ao México e arranjar transporte lá do que lidar com a documentação inerente à travessia de automóvel, uma operação que seria “*mais simples*” mas não “*muito simples*”. Quando o tempo era curto, qualquer complicação que fosse podia significar a diferença entre o sucesso e o fracasso.

Ambos tinham consigo os seus passaportes e os seus cartões de turista de entrada múltipla no México; esse era o procedimento padrão, pois nunca sabiam quando é que seriam chamados a passar a fronteira. Mas isso era mais ou menos tudo o que tinham, para além de um par de dispositivos de visão nocturna que tinham usado na busca do pequeno Dylan Peterson — uma busca bem-sucedida, graças a Deus — e que tinham ficado no saco *duffel*, visto que logo a seguir se haviam juntado às buscas de Tiera Alverson. Não tinham precisado de grande coisa no caso Alverson; o trabalho levava-os a Carlsbad, Novo México, e requerera paciência e tempo, não equipamento de sobrevivência.

Tinham de se remediar com o que havia, pois nem pensar em perder a oportunidade de apanhar Diaz.

Diaz. O homem era esquivo como fumo num dia de vento, mas talvez tivessem sorte desta vez.

— Não teremos tempo de arranjar armas — disse Brian calmamente ao avistar um espaço e enfiar à força de músculo o grande SUV ao lado de um miserável *Toyota* branco com enormes manchas de ferrugem na porta.

— Teremos de arranjar tempo. — Jamais se arriscavam a passar armas à socapa através da fronteira; em vez disso tinham as coisas arranjadas para comprar armas do outro lado. Na maior parte das vezes ela não precisava de armas — tudo o que tinha a fazer era falar com as pessoas —, mas às vezes o bom senso mandava que se protegessem.

Tentou o número de Joann Westfall, na esperança de apanhar a sua número dois em casa, mas foi o atendedor automático que se ouviu. Milla deixou uma mensagem rápida pondo Jo a par dos pormenores admitidamente vagos de onde iam e porquê. Era regra sua que ninguém da Finders partisse em serviço sozinho, ou sem avisar alguém do seu paradeiro.

Ao fim de dois anos, uma verdadeira hipótese de apanhar Diaz!

O coração martelava-lhe no peito. Talvez esta fosse a oportunidade que esperava há dez anos.

O rapto de Justin estava envolto em mistério, rumores, suspeitas. Nunca tinha sido pedido resgate, e os homens que lhe tinham roubado o bebé no minúsculo mercado de aldeia naquele dia haviam desaparecido. Mas, por fim, começara a ouvir fragmentos de informações sobre um homem só com um olho que nunca estava lá quando o tentava localizar. Até que, há dois anos, uma mulher lhe sussurrara que um homem chamado Diaz talvez soubesse do assunto. Nos últimos vinte e cinco meses Milla

mantivera-se no seu encaço como um cão de caça e, à excepção de boatos enlouquecedores, não dera com nada.

Encontrar o Diaz, disse-lhe um velho advertindo-a contra a caçada, era encontrar a morte. Era melhor manter-se bem longe dele. Diaz sabia, ou estava por trás do desaparecimento de muita gente. Ela ouvira dizer que o nome do homem só com um olho era Diaz. Não, era engano; o homem só com um olho trabalhava para Diaz. Ou Diaz matara o homem só com um olho por raptar por engano um bebé americano e causar tal furor.

Milla ouvira tudo isso e muito mais. As pessoas pareciam ter medo de falar dele, mas ela fazia as perguntas e aguardava, e por fim lá acabava por vir alguma resposta sussurrada. Mesmo depois deste tempo todo, ainda não tinha uma ideia clara de quem ou do que ele era, apenas que estava de alguma forma envolvido no desaparecimento de Justin.

— Alguém está a armar uma cilada ao Diaz — disse Brian subitamente.

— Eu sei. — Não havia outro motivo para aquele telefonema, e isso preocupava-a. Não desejava envolver-se numa trama de traição e vingança. Primeiro e acima de tudo, queria encontrar Justin. Era nisso que se concentrava a Finders, em encontrar gente desaparecida, raptada; se fosse feita justiça, óptimo, mas isso era assunto da Polícia. Jamais atrapalhava uma investigação, de facto muitas vezes ajudava, mas o seu objectivo eras simplesmente devolver crianças às suas famílias.

— Se as coisas ficarem feias, mantemo-nos apenas quietos e fora de vista — disse ela.

— E se por acaso for ele o homem que procuras há tantos anos?

Milla fechou os olhos, incapaz de responder. Uma coisa era dizer que se manteriam fora de qualquer confusão que se viesse a verificar, mas e se Diaz fosse de facto o homem só com um olho que roubara Justin? Não sabia se conseguiria dominar a raiva que ainda fervilhava pronta a explodir qual vulcão oculto. Não podia simplesmente matá-lo; precisava de falar com o homem, mesmo que fosse ele o tal, para saber o que é que ele fizera com o bebé. Mas, oh, como ela desejava matá-lo! Desejava fazê-lo em farrapos tal como ele a fizera em farrapos a ela.

Como não tinha resposta, concentrou-se no aqui e agora. Isso podia ela fazer; aguentara dez anos focando-se apenas no que podia fazer mesmo *agora*. Ela e Brian estavam cansados, com fome, e tinham uma longa noite pela frente. Quanto ao último ponto não podia fazer nada, mas vasculhou o seu armazém de tabletes *PayDay*³ e abriu uma para cada um.

³ Barras de amendoim recheadas de caramelo. Ao que parece, a designação deve-se ao facto de ser dia de pagamento na fábrica quando se estava a pensar num nome para o produto recém-criado. (N. da T.)

Os amendoins dar-lhes-iam energia. Agora que sabia que aquilo ia ser o seu jantar, em vez do bife com que tinha vindo a fantasiar em voz alta todo o caminho para casa, Brian agarrou na *PayDay* e deu conta dela em três dentadas. Milla passou-lhe mais uma, que durou ligeiramente mais.

Também levava sempre fruta para as incursões de trabalho, mas como pensava que iam para casa deixara que as reservas quase se acabassem. Estavam reduzidos a uma banana. Descascou-a e partiu-a ao meio. Brian já estava a estender a mão antes de ela acabar de a descascar.

— Não há mais nada? — perguntou ele, depois de a deixar comer a metade dela.

— Deixa ver. Mais duas *PayDays*. Um tubo de *Life Savers*.⁴ E duas garrafas de água. É tudo.

Ele resmungou. Precisavam das *PayDays* para se aguentarem na viagem de volta para casa. — Parece que estamos jantados, então. — Estava obviamente desconsolado. Brian era um rapagão que requeria constante reabastecimento de combustível.

Ela também não estava encantada com a ideia. Abriu as garrafas de água, mas beberam ambos uns pequenos goles apenas. A última coisa que qualquer um dos dois desejava nessa altura era uma bexiga cheia.

Já tinham estado antes em Guadalupe, mas ela vasculhou o conjunto de mapas até encontrar um com a localidade, e estudou a planta. — Pergunto-me quantas igrejas haverá em Guadalupe. Não me lembro.

— Deus queira que só uma, dado que o tipo não mencionou o nome. Passa-me esse tubo de *Life Savers*.

Ela estendeu-lhe os *Life Savers* e Brian rasgou a embalagem. Não deixou o rebuçado derreter-se-lhe na boca; meteu na boca uns três ou quatro ao mesmo tempo e mastigou-os.

Milla sacou do telemóvel e ligou para o contacto deles em Juarez, Benito — nunca lhes tinha sido dado apelido nenhum. Benito era mágico a arranjar-lhes transporte sempre que precisavam, e não propriamente carros de aluguer, também. Benito era especializado em velhas carrinhas *pick-ups* a cair de podres a que ninguém prestava atenção, e pouco atreitas a serem vandalizadas se deixadas na rua sem ninguém lá dentro. Isto porque nada havia a vandalizar nos veículos de Benito. Eram carripanas que não valia a pena roubar. Mas andavam, e a que ele lhes entregaria do outro lado da fronteira estaria atestada de gasolina. A documentação estava sempre em ordem também, caso fossem mandados parar pela Polícia.

Arranjar armas era mais complicado. Não era frequente a Finders ter

⁴ Famosa marca de *drops* americanos de frutas, em forma de aro ou bóia salva-vidas, daí o nome. (N. da T.)

necessidade de armas, e aquilo deixava-a sempre pouco à vontade. O México tinha leis rigorosas no que respeitava a armas; não que não houvesse muitas à disposição; simplesmente, se fossem apanhados armados, estavam metidos em apuros. Não lhe agradava infringir a lei, mas quando se lidava com serpentes humanas, mais valia estar preparado. Ligou para o contacto que tinham de armas ilegais e fez a sua encomenda: nada de mais, apenas protecção básica. Nunca sabia ao certo o que lhes arranjariam, mas estava à espera de revólveres calibre .22 baratos, dos quais se veriam livres antes de regressarem aos Estados Unidos.

Tal como esperava, eram sete e meia e estava a ficar escuro quando estacionaram o *SUV*, atravessaram a ponte a pé, e trataram da papelada. Benito estava pacientemente à espera deles com um arremedo verdadeiramente notável de camião, um velho *Ford* com mais ferrugem que pintura. Não tinha comporta de descarga, a porta do passageiro estava fechada com arame — presumivelmente para a conservar presa ao camião — e o pára-brisas era mantido no lugar com fita adesiva. Literalmente. Apesar da pressa, tanto ela como Brian tiveram de parar e piscar os olhos à vista da carripa.

— Desta vez excedeste-te, Benito — disse Brian assombrado.

Benito abriu-se num enorme sorriso, mostrando a falha onde lhe faltava um dente. Era baixo e magro, de idade algures entre os quarenta e os setenta, e tinha a expressão mais consistentemente radiosa que Milla jamais vira. — Faço por isso — disse ele, com sotaque de Nova Iorque. Benito tinha nascido no México, mas os pais tinham atravessado a fronteira com ele quando era pequeno, e tinha muito poucas recordações de infância da sua terra natal. Mais tarde voltara às suas raízes e ali se fixara alegremente, mas não conseguia ver-se livre do sotaque. — A buzina não funciona, e se os faróis não se acenderem quando derem ao manípulo, dêem-lhe um puxão com força e depois larguem-no suavemente outra vez. Tem de se encontrar a posição certa.

— Tem motor, ou temos de o empurrar nós? — perguntou Milla, espreitando lá para dentro. Estava apenas meio na brincadeira, pois parte do chão do camião tinha-se desfeito com a ferrugem e podia ver-se a estrada.

— Quanto ao motor, esse é uma obra de arte. Ronrona como um gatinho, e tem mais força do que seria de esperar. Pode ser que dê jeito.

Nunca fazia perguntas sobre aonde iam ou o que iam fazer, mas sabia o que a Finders fazia.

Milla abriu a porta do condutor e saltou lá para cima, deslizando cuidadosamente sobre o assento e evitando o buraco no chão. Brian passou-lhe a embalagem com os dois óculos nocturnos, o cobertor, verde-escuro, que

tinham no SUV, e as duas garrafas de água. Ela acondicionou tudo muito bem enquanto ele deslizava para trás do volante.

O camião era tão velho que não tinha cintos de segurança; se a polícia de trânsito os mandasse parar, teriam quase de certeza de pagar uma multa. No entanto, tal como Benito prometera, o motor começou a trabalhar ao primeiro rodar da chave. Brian conduziu através das ruas congestionadas de Juarez, e depois parou diante de uma *farmacia*. Milla esperou no camião enquanto ele ia lá dentro encontrar-se com o contacto deles, uma mulher que apenas conheciam como Chela. Tinha um ar muito distinto, impecavelmente vestida, e parecia andar pelos quarenta e muitos. Deu a Brian um saco de compras da Sanborn;⁵ ele passou-lhe o dinheiro tão furtivamente que ninguém se apercebeu da transacção; depois ele voltou para o camião e seguiram para Guadalupe.

Por essa altura já anoitecera, e ele debateu-se com o manípulo dos faróis até conseguir acendê-los. Conduzir à noite no México não era aconselhável a ninguém. Não só era nessa altura que ocorriam mais assaltos, como o calor retido no asfalto atraía o gado para as estradas. Atropelar uma vaca ou um cavalo nunca era agradável, tanto para o animal como para o veículo. Havia igualmente crateras e outros perigos, mais difíceis de ver à noite. Para tornar a condução ainda mais aventureira, os Mexicanos por vezes conduziam à noite com os faróis deliberadamente apagados, para verem melhor os carros vindos na sua direcção nas lombas e curvas e melhor os evitarem, o que estava muito bem a não ser que dois carros viajando em sentidos opostos tivessem *ambos* os faróis apagados. Então tornava-se mais um jogo de cabra-cega.

Brian adorava conduzir no México. Ainda era suficientemente jovem, vinte e cinco anos, para gostar de pôr à prova a sua visão nocturna e os seus reflexos com o que quer que se lhe deparasse no caminho. Era resistente como uma rocha e desconhecia o significado da palavra “pânico”, de maneira que Milla deixava de bom grado a condução para ele, enquanto ela se agarrava bem e rezava.

Eram quase dez horas quando finalmente chegaram a Guadalupe, perigosamente perto da hora do encontro. Era uma aldeia de cerca de quatrocentos habitantes, com uma única rua principal toda corrida a lojas, a inevitável *cantina* e uma variedade de outros edifícios. Aqui e ali, ainda se viam de pé postes para amarrar animais. A estrada estava praticamente reduzida a terra e cascalho, embora houvesse bocados de asfalto.

Percorreram a rua principal, verificando que havia de facto apenas

⁵ Cadeia mexicana de farmácias, lojas de retalho, de desconto e de departamentos, pastelarias e cafetarias-restaurantes. (N. da T.)

uma única igreja; atrás dela via-se um cemitério, apinhado de grandes cruzes e sepulturas. Milla não conseguiu ver grande coisa do carro; não percebeu se havia um caminho entre a igreja e o cemitério, embora partisse do princípio de que devia haver espaço suficiente para deixar um carro passar.

— Não há lugar para estacionar — resmungou Brian, e ela voltou a sua atenção para a rua. Ele tinha razão; embora houvesse espaço físico para estacionarem, não havia lugar nenhum onde não atraíssem as atenções de homens que não gostavam de ser espiados.

— Temos de voltar atrás até à *cantina* — disse ela. Ali encontravam-se estacionados vários carros e camiões, providenciando camuflagem para o camião deles. Brian assentiu com a cabeça e continuou para lá da igreja, mantendo uma velocidade lenta e uniforme. Virou na rua a seguir à direita, por uma viela abaixo. No primeiro cruzamento, virou à direita e voltou a percorrer o trajecto até à *cantina*.

Estacionou o camião entre um *Chevrolet Monte Carlo* de 1978 e um *Volkswagen Carocha* de modelo original. Esperaram e olharam, a ver se havia pessoas na rua. Da *cantina* vinha barulho, mas um cão farejando curiosamente junto às portas era o único movimento que podiam ver. Cada um deles pegou numa pistola e num par de óculos nocturnos. Antes que Brian abrisse a porta, Milla estendeu a mão automaticamente para desligar a luz do tecto, mas descobriu que tinha sido removida.

Deslizaram para fora do camião e imergiram rapidamente nas sombras. O cão olhou na direcção deles e ladrou inquisidoramente, aguardou um momento a ver se eles reagiam e voltou à sua missão de procurar comida.

Não havia passeio, apenas a rua com a sua corrida de obstáculos de crateras e pedaços de asfalto. Por acaso estavam adequadamente vestidos para trabalho clandestino nocturno, Brian de calças *Cargo* verdes e *T-shirt* preta, e Milla de calças de ganga e uma blusa cor de vinho sem mangas, e ambos usavam botas de trabalho de sola de borracha e bonés de basebol verdes-escuros com “FA”, sigla de Finders Association, de cor azul-claro à frente. Brian estava super bronzado, mas os braços nus de Milla davam nas vistas, de modo que passou o cobertor pelas costas. Agora que caíra a noite a temperatura refrescara abruptamente, e o cobertor sabia bem.

Não correram, nem se esquivaram furtivamente de porta em porta; qualquer um dos movimentos atrairia a atenção de um eventual observador. Caminharam decididos, mas sem pressa evidente. A má notícia é que faltava menos de um quarto de hora até o encontro supostamente ter lugar. A boa notícia é que apenas os turistas eram pontuais no México, dado que chegar a horas era considerado falta de educação. Isso não queria dizer que não estivesse alguém a observar a igreja, mas aumentava as suas probabilidades de se posicionarem sem serem vistos.

Sensivelmente a setenta e cinco metros da igreja, deixaram a rua principal e meteram por uma viela minúscula que os levou ao cemitério.

— Qual é o plano? — sussurrou Brian enfiando uma das pistolas no bolso e sacando um par de óculos nocturnos. — Saltamos-lhes em cima, descobrimos qual é o Diaz e levamo-lo para interrogatório?

— Duvido que seja assim tão fácil — disse ela secamente. Como era jovem, grande e forte, e a transpirar testosterona, Brian conseguira até então lidar com o que quer que lhe aparecia à frente. Sendo “até então” a expressão crucial. Ela estava bem mais consciente da velocidade com que as coisas podiam dar terrivelmente para o torto. — Fazemos exactamente isso se forem apenas dois homens, mas se forem mais, não.

— Nem mesmo se forem só três?

— Nem mesmo assim. — Se fossem dois homens, ela e Brian poderiam apanhá-los de surpresa e controlá-los a ambos. Milla não se importava de lhes apontar a arma enquanto Diaz respondia às suas perguntas. Se fossem mais de dois... ela não era estúpida nem suicida, e certamente não poria a vida de Brian em risco. Podiam passar mais dois anos até ter outra oportunidade de apanhar Diaz, mas isso era melhor do que ter de enterrar alguém. — Consegues passar para o outro lado do cemitério?

— Silencioso que nem um gato. — Brian não só era ex-militar, tendo entrado para o exército logo a seguir à escola secundária, como era um rapaz do campo do Texas oriental que crescera percorrendo furtivamente florestas à caça de veados.

— Então escolhe um sítio onde tenhas uma boa visão de toda a parte de trás da igreja, que eu faço o mesmo deste lado. Lembra-te, se forem mais de dois, limitamo-nos a observar.

— Entendido. Mas se forem apenas dois, qual é o sinal para avançarmos para eles?

Ela hesitou. Normalmente usavam rádios, mas tinham sido apanhados sem grande parte do equipamento. — Exactamente três minutos depois de os dois aparecerem e começarem a falar, avançamos. Se o encontro não durar tanto tempo, mexemo-nos quando eles fizerem o mesmo. — Se os homens que se encontrariam ali estivessem alerta, os três minutos dar-lhes-iam tempo de ficarem descansados... esperava ela. Não era o melhor método de sincronização, mas era o melhor que se podia arranjar dadas as circunstâncias. Só Deus sabia quanto tempo teriam eles de esperar.

Brian desapareceu silenciosamente na escuridão, e Milla avançou furtivamente na direcção contrária, primeiro para fora do cemitério, depois contornando-o por trás. Acobertando-se atrás de uma grande lápide, usou os óculos nocturnos para olhar bem à sua volta, a ver se via alguém — para além de Brian — que estivesse a fazer o mesmo que ela. Que visse,

não havia ninguém à espreita em torno da igreja, nem se avistava ninguém escondido atrás de outra lápide.

Ainda assim, aguardou uns minutos e perscrutou a área de novo. Ainda nada. Avançou cautelosamente para outra lápide. Esta parte do Estado de Chihuahua era desértica, com cactos e arbustos, de maneira que não havia relva para abafar qualquer som que ela fizesse. Assentou um joelho no chão e uma pedra enterrou-se-lhe na perna, fazendo-a esboçar uma careta, mas controlou-se e não fez quaisquer movimentos repentinos, apenas mudou de posição cuidadosamente.

Uma coisa rastejou-lhe pela mão acima. Dava a sensação de ser minúscula, como uma formiga ou uma mosca. Dominou de novo um sobressalto, mas a pele arrepiou-se-lhe, e teve de reprimir a súbita vontade de soltar um grito e de pular para sacudir o bicho. Odiava insectos. Odiava sujar-se. Odiava deitar-se no chão, em estreito contacto com terra e insectos. Aquilo que estava a fazer era perigoso e ela sabia-o; o coração batia-lhe já desalmadamente, mas até isso ela aprendera a ignorar. Podia encolher-se toda por dentro, mas por fora não havia sombra de acanhamento.

Apanhou a pedra que se lhe enterrara no joelho, os dedos deslizando pelo objecto liso e triangular, mais ou menos da forma de uma pequena pirâmide. Hmm, aquela era interessante. Automaticamente enfiou-a no bolso da frente das calças de ganga. Um momento depois apercebeu-se do que fizera e tratou de tirar a pedra do bolso para a deitar fora, mas simplesmente não conseguiu fazê-lo.

Há anos que andava a apanhar pedras, sempre à cata delas bem lisinhas ou de formas invulgares. Tinha uma boa colecção em casa. Os rapazi-nhos gostavam de pedras, não gostavam?

Depois de mais uma vez passar em revista o cemitério e a zona envolvente, moveu-se agachada para cima e para a direita, depois de novo até à lápide seguinte, posicionando-se lentamente. Pondo a mão em concha sobre o relógio de pulso, pressionou o botão que iluminava o mostrador: dez e trinta e nove. Ou a informação dada pelo telefone era falsa, ou as pessoas não estavam com pressa de ali chegar. Esperava que fosse a última, e que ela e Brian não se tivessem dado àquele trabalho todo para nada.

Não. Não era para nada. Mais tarde ou mais cedo encontraria o filho. Tudo o que tinha a fazer era continuar a seguir as pistas. Há dez anos que o fazia e fá-lo-ia por mais dez, se necessário. Ou vinte anos. Não podia imaginar jamais desistir do seu menino.

Ao longo dos anos tentara imaginar quais seriam os interesses de Justin, como iriam mudando à medida que crescia, e ia comprando brinquedos que achava que ele gostaria de ter. Seria ele maluco por bolas e camiões de brincar? Faria roncões com a boca enquanto os rolava pelo

chão? Quando ele tinha três anos, imaginava-o num triciclo. Por volta dos quatro, pensou ela, ele andaria a apanhar pedras e minhocas e coisas do género, metendo-as no bolso. De apanhar minhocas não era capaz, mas as pedras... podia apanhar pedras. Fora quando começara a colecioná-las.

Quando ele tinha seis anos, interrogou-se se estaria a aprender a jogar futebol, ou *T-ball*.⁶ Provavelmente ainda gostaria de pedras nessa idade, também. Mas, só para prevenir, comprou uma bola de basebol e um pequeno bastão.

Quando ele tinha oito anos, imaginou-o com os dentes definitivos a crescerem, ainda demasiado grandes para a sua cara, embora as bochechas já estivessem a perder o rechonchudo da infância. Em que idade é que as crianças começavam a jogar na Pequena Liga?⁷ Por essa altura já devia ter o seu próprio bastão e luva, certamente. E talvez alguém lhe tivesse ensinado a atirar pedras rasantes à água; começou a procurar pedras achatadas e lisas, para tê-las para ele em qualquer eventualidade.

Agora já estava com dez anos, provavelmente crescido de mais para atirar pedras. Devia ter uma bicicleta de dez velocidades — uma velocidade por cada ano, pensou ela. Talvez estivesse virado para os computadores. Definitivamente demasiado crescido já para a Pequena Liga. E talvez tivesse um aquário. Talvez pudesse pôr algumas das suas pedras mais bonitas no seu aquário. Ela deixara de comprar brinquedos, e embora tivesse computador, não comprou uma bicicleta, nem um aquário. Os peixes simplesmente morreriam, pois não estava em casa com a frequência necessária para os manter alimentados.

Contraíu o maxilar e olhou cegamente através do cemitério imerso na escuridão. Não se podia permitir pensar que ele já não fosse vivo, de maneira que em vez disso imaginava-o a viver uma vida normal e feliz, que ele havia sido encontrado, comprado ou adoptado por pessoas que o amavam e que tratavam bem dele.

Era essa a teoria, pelo menos, de que ele fora roubado e vendido a uma rede de adopção ilegal que fornecia bebés de mercado negro a pessoas nos Estados Unidos e no Canadá com vontade de adoptar. Essas pessoas não faziam ideia de que as crianças que adoptavam tinham sido roubadas, que tinham sido devastadas famílias e despojados pais. Tentava acreditar nisso. Tentava reconfortar-se imaginando Justin a brincar, a crescer, a rir.

⁶ Jogo infantil de introdução ao basebol. (N. da T.)

⁷ *Little League*, em Inglês. Organização não-lucrativa americana que organiza campeonatos infantis de basebol e softbol por todos os EUA e no resto do mundo. (N. da T.)

O pior era não saber ao certo o que lhe acontecera, e tudo era melhor do que pensar que ele estava morto.

Muitos dos bebês roubados morriam *mesmo*. Eram metidos em malas de carros para serem contrabandeados através da fronteira, e se o calor matasse oito em dez, bem, os dez não tinham custado nada senão o esforço, e os dois que restavam seriam vendidos por dez, vinte mil dólares cada, talvez mesmo mais, dependendo de quem queria um bebê e de quanto podia gastar. Os *Federales* haviam tentado confortá-la dizendo-lhe que teriam um cuidado acrescido com Justin por ele ser louro de olhos azuis, e por isso valer mais. Estranhamente, constituíra um conforto, embora o coração lhe doesse pelos minúsculos bebês hispânicos que não seriam alvo desse cuidado acrescido por terem a pele escura.

Mas se... e se ele fosse um dos desafortunados? Será que os patifes que traficavam bebês roubados e destroçavam vidas se davam sequer ao trabalho de enterrar as suas pequeninas vítimas? Ou limitar-se-iam simplesmente a atirá-las para uma vala qualquer, para serem comidas por...

Não. Não podia ir por aí. Não podia deixar que aquele horrível pensamento se acabasse de formar na sua mente. Se o fizesse, então perderia o controlo, e isso era exactamente a coisa que ela não podia fazer nesse momento. Se a informação se verificasse certa e alguém comparecesse mesmo neste encontro secreto, tinha de estar preparada.

Esquadrinhando uma vez mais o cemitério, escolheu a sua lápide final, uma mais pesada e ornamentada do que as outras, com uma boa base de tamanho avantajado que a ocultaria por completo se se estendesse no chão. Deitou-se de barriga para baixo e arrastou-se o resto do caminho, mantendo-se de bruços e posicionando-se atrás da lápide de forma a ficar de viés e poder mover com facilidade a cabeça ligeiramente para a direita e ver toda a largura da igreja, bem como o seu lado direito. Agora tudo o que tinha a fazer era aguardar.

O ponteiro dos minutos no seu relógio foi-se arrastando lentamente. O ponteiro das horas mudou-se para as onze, depois passou-as. Finalmente, às onze e trinta e cinco, ouviu o ruído de um motor de automóvel. Ficou imediatamente alerta, embora soubesse que podia ser apenas um agricultor de volta da *cantina* para casa. Observou com atenção, mas não viu luzes de faróis, apenas o barulho do motor a aproximar-se cada vez mais.

O vulto escuro de um carro dobrou a esquina mais afastada da parte de trás da igreja e deteve-se vagarosamente, sensivelmente a um terço do caminho.

Milla inspirou fundo e procurou controlar o pular súbito do coração. Na maior parte das vezes este tipo de informações não levava a nada mais

que uma tentativa infrutífera, mas desta vez parecia não ser bem o caso. Com um pouco de sorte, estava prestes a deitar mão a Diaz.

| 3 |

Pelo que lhe era dado ver encontravam-se dois homens no carro, e o coração caiu-lhe aos pés. Obviamente seria de supor que mais alguém se lhes juntasse, a menos que o encontro consistisse nos dois homens dentro do carro à conversa, coisa de que ela duvidava. Observou os dois à luz verde estrambólica dos óculos nocturnos, mas eles deixaram-se ficar no carro e não lhes conseguiu distinguir bem as feições.

Esperava que Brian tivesse o mesmo raciocínio dela e se deixasse ficar no lugar. Não o havia visto, embora tivesse olhado. Onde quer que fosse que ele se tivesse escondido, tinha feito um bom trabalho.

Os minutos foram passando lentamente, e ela continuava sem ver Brian. Bom. Estava a pensar o mesmo que ela, que mais alguém não tardaria a chegar.

Quase dez minutos mais tarde, ouviu outro motor de automóvel. O veículo ultrapassou ligeiramente a igreja, depois fez marcha-atrás para a viela de modo a ficar mala contra mala com o outro carro.

Dois homens saíram do segundo carro. As portas do primeiro abriram-se, e os dois homens que se encontravam lá dentro saíram também.

Milla fixou o olhar nos dois últimos à medida que se aproximavam, de frente para ela. O condutor era um mestiço alto e magro, com o cabelo preto comprido atado num rabo-de-cavalo. O passageiro era um pouco mais baixo e atarracado. No momento que o fixou, o sangue gelou-se-lhe nas veias.

Há dez anos que andava atrás daquele patife. O dia em que Justin tinha sido roubado era acima de tudo um horror indistinto na sua mente; os dias que se lhe seguiram, enquanto lutava pela vida na minúscula clínica rural, tinham ficado perdidos para sempre. Mas na estranha maneira que o tempo tinha de por vezes se imobilizar, conservava algumas recordações perfeitas do ataque, petrificadas no tempo, e especialmente do rosto do homem que lhe arrancara Justin dos braços.

Não reconheceria com certeza o seu rapazinho agora, mas o homem que o levaria... reconhecê-lo-ia fosse onde fosse. Lembrava-se claramente

da sensação da órbita dele debaixo das suas unhas afiadas, lembrava-se dos sulcos de sangue que lhe deixara na face esquerda. Mutilara-o, deixara-o marcado, e sentia-se perversamente feliz por isso. Por mais que o patife envelhecesse, ela reconhecê-lo-ia sempre pelos estragos que lhe provocara no rosto.

Ao fim de dez anos, ele estava a andar direito a ela. Tinha a órbita do olho esquerdo vazia, a pálpebra com uma cicatriz retorcida. Duas marcas de garras bem visíveis corriam-lhe pela face abaixo.

Era *ele*.

Mal conseguia respirar. Doíam-lhe os pulmões, doía-lhe a garganta; a visão toldou-se-lhe de raiva.

Não te mexas se forem mais de dois, dissera a Brian. Ele era inteligente; nunca iria pensar que eles dois pudessem dominar quatro homens que, provavelmente, todos eles estariam armados.

Mas o patife estava *aqui*, mesmo em frente dela. Estava ciente de que isso poderia acontecer, e mesmo assim o ímpeto da sua reacção foi tão violento que quase a cegou. Uma névoa vermelha toldou-lhe a visão, e soou-lhe um rugido aos ouvidos.

Os músculos tremiam-lhe intensamente. Queria desfazê-lo com as suas próprias mãos. Uma pequena parte do seu cérebro sabia que era uma loucura, mas, quase como se a mão não lhe pertencesse, sentiu-a chegar à pistola no bolso, e fez menção de levantar-se.

Nem se chegou a ajoelhar. Algo duro e pesado atingiu-a em cheio nas costas e atirou-a contra o chão, impedindo-a de fazer qualquer movimento. Várias coisas aconteceram ao mesmo tempo, tão depressa que não teve tempo de reagir. Umhas pernas engancharam-se à volta das suas e mantiveram-nas bem presas, uma mão tapou-lhe a boca e puxou-lhe a cabeça para trás, e um braço de ferro fechou-se-lhe em torno do pescoço. No que pareceu uma fracção de segundo, ficou imobilizada.

— Mexe-te ou articula um som, e parto-te o pescoço.

A voz era fria e ameaçadora, as palavras ditas em voz tão baixa que mal as ouviu, mas entendeu-as na perfeição. O braço que lhe cortava o oxigénio era suficiente por si só. Estava pregada ao chão, incapaz sequer de erguer as mãos para se defender.

Tentou pensar, atordoada. Seria uma sentinela, talvez, mandada com antecedência para se certificar de que o encontro não tivesse observadores? Mas se fosse, teria visto Brian também, e o bom senso ditava que apanhasse Brian em primeiro lugar. Talvez o tivesse feito. Talvez Brian jazesse morto do outro lado do cemitério, com a garganta cortada ou o pescoço partido. Mas se era uma sentinela, porque lhe dissera o homem para não fazer barulho?

Não podia estar com os quatro homens. Fosse qual fosse o seu interesse no encontro, estava ali pelos seus próprios motivos. Por isso talvez Brian ainda estivesse vivo, e talvez, se se mantivesse bem quieta, se safasse desta com a espinha intacta.

Não conseguia respirar. A visão toldou-se-lhe e conseguiu inalar um pouco de ar. O braço em torno do seu pescoço afrouxou um tudo-nada, mas o suficiente para ela conseguir inspirar ligeiramente.

Tinha a cabeça arqueada para trás num ângulo tal que apenas conseguia vislumbrar os quatro homens pelo canto do olho, e sem os óculos nocturnos não conseguia distinguir pormenores. Tinham aberto as malas de ambos os carros, e dois deles arrastavam agora alguma coisa para fora da mala do segundo carro e transferiam-na para a outra mala.

A pedra que tinha no bolso enterrava-se-lhe na zona sensível da virilha. Tinha o peito dolorosamente espalmado na terra, e doíam-lhe as costas de ter a cabeça arqueada para trás com tanta força. Não havia qualquer doçura no peso do homem em cima dela, qualquer contemplação; parecia de ferro. Naquela posição, ele tinha o lado da cara encostado à cabeça dela, mas embora conseguisse sentir-lhe o peito mover-se em respirações lentas e regulares — o sacana não estava minimamente alterado ou nervoso —, não sentia qualquer movimento de ar sobre a pele quando ele expirava. Era arrepiante, como se ele não fosse bem humano.

Ele não lhe prestava qualquer atenção. Agora que a tinha dominada, estava totalmente concentrado nos quatro homens atrás da igreja.

Completada fosse qual fosse a transacção que haviam feito, dirigiam-se de volta para os respectivos carros. O homem que roubara Justin ia-se embora. Após dez anos dera finalmente com ele, e agora desaparecia de novo. Fez um esforço para se erguer contra o homem que a dominava, retesando o corpo inteiro em protesto, e ele apertou-lhe a garganta com mais força debaixo do braço. Quando a visão se lhe toldou de novo, deixou-se ficar inerte de desespero, com um soluço convulsivo no peito. Naquela posição era tão impotente como uma tartaruga virada de costas.

O segundo carro afastou-se vagorosamente, dobrou a esquina, e desapareceu. O primeiro carro começou a fazer marcha-atrás ao longo da viela estreita. O homem que a segurava afrouxou subitamente o seu peso e virou-a de costas. — Dorme uma soneca — rosnou, e pressionou-lhe com força os dedos na garganta.

Ela procurou debater-se, mas já estava privada de oxigénio e à beira da inconsciência. Ele inclinou-se por cima dela, um peso negro incaracterístico transpirando ameaça, e o mundo apagou-se.

Veio a si encostada aos joelhos de Brian, enquanto ele lhe dava palmadinhas ansiosas na cara, no ombro, no braço. — Milla? Milla! Acorda!

— Estou acordada — balbuciou, as palavras pastosas. — Soneca.

— Soneca? Tiraste uma *soneca*? — A incredulidade fez a voz dele soar mais alta.

Ela lutou para recobrar os sentidos, mas sentia-se como se estivesse debaixo de água, cada movimento um esforço. — Não. Um homem... atacou-me.

— O quê? Merda! — Brian levantou a cabeça e olhou à sua volta. — Deviam ter alguém de vigia e não demos por ele.

Lentamente ela desencostou-se dos joelhos dele e sentou-se. Doía-lhe o corpo todo, como se tivesse sido espalmada à força contra o chão. Oh, es-
pera... e tinha.

— Não, ele não era um deles.

— Como é que sabes?

— Disse-me que me partia o pescoço se eu fizesse barulho. — E estivera bem perto de fazê-lo, pois a forma como sentia a garganta era um indicador das suas intenções.

— Porque o faria ele, a menos que...

— ...os estivesse a vigiar, também — completou Milla, quando Brian articulou a frase à medida que raciocinava logicamente.

— Mas porquê atacar-te? Estávamos apenas de vigia. Podia ter ficado onde estava e nós nunca teríamos sabido.

Ela sentiu-se dominada de angústia ao recordar-se de quão perto estivera do homem que levava Justin. Fechou os olhos. — Eu estava prestes a fazer uma estupidez.

— Como o quê? Tu não fazes estupidezes.

— Um dos homens do segundo carro — o passageiro — era o mesmo que roubou o Justin.

Brian inspirou fundo, depois soprou com força. — Merda. Bolas. — Ficou calado por um momento. — Calculo que fosses direita a ele, hã? Ainda que eles fossem *quatro*?

O silêncio dela respondeu por si só. Tirou o boné de basebol e passou as mãos pelos caracóis emaranhados. — Só sonhava em voltar a vê-lo. Pensei nisso durante dez anos, imaginei-me a pôr-lhe as mãos em cima. Ia apertar-lhe a garganta até ele me dar respostas, nem que morresse ao fazê-lo.

— E terias morrido; todos os quatro estavam armados, caso não tenhas reparado.

Não tinha; depois de ver o rosto que a assombrara em sonhos durante uma década, não reparara em mais nada. Obviamente o homem que a atacara salvara-lhe a vida.

Resmungando, pôs-se de pé. O cobertor que tinha enrolado à sua volta estava caído no chão a sensivelmente um metro de distância, e ela

apanhou-o. Os óculos de visão nocturna tinham rolado contra a base da sepultura ao lado. Mas a pistola que trazia no bolso havia desaparecido. O seu atacante devia tê-la levado.

A dor de cabeça que a aflagira antes voltara, lancinante, fazendo-lhe latejar as têmporas, e sentia-se ligeiramente agoniada. — Vamos para casa — disse, cansada. Chegara tão perto, e nada conseguira. O fracasso deixara-lhe um gosto amargo na boca.

Voltaram silenciosamente para o camião. Ao passarem pela *cantina*, sentiu-se de novo invadida pela fúria e voltou-se impulsivamente, empurrando a porta com tanta força que a fez bater contra a parede. Rostos rudes e em sobressalto viraram-se na direcção dela, nebulosos na penumbra do pequeno recinto cheio de fumo.

Não entrou lá dentro. Em vez disso, no espanhol que fora aprendendo ao longo dos anos, disse: — O meu nome é Milla Edge. Trabalho para a Finders em El Paso. Pagarei dez mil dólares americanos a quem quer que seja que me diga como encontrar o Diaz.

Devia haver um milhão de Diaz no México, mas, a avaliar pelo súbito silêncio dos homens na *cantina*, todos sabiam a quem ela se referia. Já tinham sido oferecidas recompensas, evidentemente; há dez anos, oferecera-se uma em troca de qualquer informação sobre o rapto de Justin Boone. Também pagava regularmente subornos, *mordidas*, e recompensava o que parecia ser um pequeno exército de informadores. Anunciar uma recompensa numa reles pequena *cantina* numa minúscula aldeia, provavelmente não daria resultados diferentes, mas pelo menos sentia que estava a fazer *alguma coisa*. O homem que lhe destruíra a vida há dez anos tinha acabado de estar ali na aldeia, atrás da igreja, e “Diaz” era a única possibilidade que tinha para o seu nome. Um golpe na escuridão por vezes provocava sangue.

As mulheres não eram bem-vindas nas *cantinas* mexicanas, a menos que fossem prostitutas. Um dos homens fez menção de se levantar, e Brian deu um passo em frente mesmo atrás dela, dando a conhecer a sua presença imponente. — Vamos — disse ele, agarrando-a pelo braço, e a força com que o fez disse-lhe que não estava a brincar.

Ela subiu para o ignominioso camião e Brian entrou atrás dela. O motor começou a trabalhar assim que ele rodou a chave, e já estavam em andamento quando dois clientes da *cantina* assomaram à porta e os viram afastar-se.

— Para que foi aquilo? — perguntou Brian acaloradamente. — Dizes-nos sempre para não corrermos riscos, e depois entras numa *cantina*? É mesmo pedir sarilhos.

— Eu não entrei lá dentro. — Esfregou a testa e suspirou. — Tens razão. Desculpa. Não estava a pensar. Só de o ver ao fim destes anos todos...

— A sua voz tornou-se rouca e engoliu em seco. — Desculpa — disse outra vez, olhando através do pára-brisas colado com fita adesiva para o escuro da noite.

Depois desta tirada, Brian não continuou a rezingar com ela. Concentrou-se em guiar, à cata de crateras, vacas, e gente a conduzir de faróis apagados.

Milla enterrou as unhas nas palmas das mãos. Haviam passado dez anos desde que vira aquele rosto diabólico. Esperava que tivessem sido longos anos miseráveis para ele, embora nunca pudessem ter sido tão longos e miseráveis como tinham sido para ela. Esperava que ele sofresse de alguma doença incurável e horrivelmente dolorosa, mas não fatal. Queria-o a viver uma existência horrível, mas não o queria morto. Não até conseguir a informação que precisava dele, e descobrir Justin. Depois matá-lo-ia de bom grado ela própria. Ele destruíra-a, por isso porque não havia ela de destruí-lo por sua vez?

Os anos escoaram-se lentamente na sua mente, como uma contagem decrescente.

Há dez anos, Justin tinha-lhe sido roubado.

Há nove anos, David tinha-se divorciado dela. Não o podia censurar. Perder um filho trazia um stress e uma tensão tão grandes aos pais que os casamentos frequentemente se desfaziam. No caso deles, David não perdera apenas o filho, perdera igualmente a mulher. Desde que ela recuperara a consciência depois de ser esfaqueada, cada pensamento seu, toda a sua vida, se haviam focado em descobrir Justin. Simplesmente não sobrara nada dentro dela para David.

Há oito anos, ao seguir mais outra pista que não resultara em qualquer informação sobre Justin, recuperara um bebé roubado. A criança estava mais morta que viva na altura, mas sobrevivera, e Milla encontrara algum conforto ao ver a alegria histérica da mãe ao ser-lhe devolvido o filho. Ela própria não tivera um final feliz, mas talvez conseguisse produzir finais felizes para outros.

Há sete anos, organizara a Finders. Era um grupo, alguns funcionários pagos mas na sua maioria voluntários, que se mobilizava para procurar crianças desaparecidas, quer se tivessem simplesmente perdido ou houvessem sido roubadas. As esquadras de polícia por todo o país tinham falta de meios e de pessoal, e simplesmente não tinham tempo nem recursos humanos para se devotarem adequadamente ao problema. A diferença entre encontrar uma criança perdida morta ou viva às vezes reduzia-se a quantas pessoas podiam ser colocadas à sua procura. Milla era uma boa mobilizadora. Graças à sua grande visibilidade após o rapto de Justin, era também muito boa a angariar fundos.

Há seis anos, David tinha voltado a casar-se. Doeu-lhe mais do que poderia ter imaginado. Parte dela ressentiu-se de que ele tivesse reconstruído a vida sem ela, sem Justin, mas no geral apenas se sentiu magoada. Amava tanto David. Ainda o amava realmente, embora o tempo para estarem *apaixonados* tivesse terminado no dia em que Justin fora roubado. David era, simplesmente, o melhor homem que ela jamais conhecera. Todos lidavam com o desgosto de maneiras diferentes, e David lidara com o seu deixando-se imergir no trabalho, salvando vidas que de outra forma se teriam perdido. Ele tinha o exercício da medicina para o ajudar a ultrapassar a dor. E Milla continuara a busca incansável do seu filho.

Há cinco anos, a Finders tinha aceitado o seu primeiro caso de pessoas desaparecidas. Agora não procuravam apenas crianças perdidas, procuravam também qualquer pessoa desaparecida. A dor dos que eram deixados para trás, interrogando-se quanto ao que teria acontecido, era demasiado grande para ela a ignorar.

Há quatro anos, David e a sua nova mulher tinham tido um filho. Milla tinha ficado em agonia quando soubera que a mulher dele estava grávida. E se fosse outro filho, um rapaz? Era mesquinho da sua parte e ela sabia-o, mas achava que não conseguiria suportar se o filho de David fosse rapaz. Para seu incomensurável alívio, tinham tido uma filha. E Milla continuou à procura do seu próprio filho.

Há três anos, na celebração familiar de Natal em casa dos pais, no Ohio, o seu irmão, Ross, dissera-lhe bruscamente que estava na altura de tocar a sua vida para a frente e deixar de permitir que algo que acontecera há sete anos dominasse todas as suas reuniões de família. Para seu horror, a sua irmã, Julia, não abrira a boca em sua defesa, e recusara-se a encará-la. Desde então, Milla só via os pais quando os irmãos não estavam lá. Passava os dias de festa sozinha, mas achava que jamais conseguiria perdoar a Ross a sua insensibilidade.

Há dois anos, ouvira o nome *Diaz* pela primeira vez. Após oito anos sem nada, finalmente tivera uma informação sussurrada que talvez tivesse alguma ligação com Justin.

Há um ano, David e a mulher tinham tido um segundo filho, um rapaz. Quando soubera, Milla adormecera a chorar nessa noite.

Esta noite... esta noite vira-o, o monstro que a destruíra. Estivera tão perto, mas acabara de mãos vazias mais uma vez.

Mas ele ainda estava vivo. Esse tinha sido um receio profundamente enterrado, o de que ele pudesse morrer sem ela conseguir falar com ele. Não queria saber do que lhe acontecia, desde que lhe pudesse sacar o que fizera ao seu bebé. E agora que tinha a certeza de que ele estava vivo, e em que

zona, intensificaria as suas buscas. Apanhá-lo-ia como um cão raivoso, ou matar-se-ia no esforço.

| 4 |

Um pouco depois das quatro e meia da manhã, Milla entrou no seu condomínio. Estava cansada até aos ossos, e de tal maneira desalentada que não desejava nada mais do que arrastar-se até à cama e esconder-se debaixo das cobertas.

Tão perto.

Não conseguia tirar as palavras da cabeça. Durante anos mantivera a esperança e a determinação vivas com quase nada a que se agarrar, mas agora que vira mesmo o homem e o sabia vivo, que sabia em que zona o encontrar, apenas sentia desespero por não ter conseguido apanhá-lo.

— Não deixarei que isto me deite abaixo — disse em voz alta, dirigindo-se para a casa de banho e despindo as roupas imundas. — Não deixarei. — Fora assim que suportara o inferno dos últimos dez anos, simplesmente recusando-se a desistir. Por vezes sentia-se como um dos soldados japoneses após a Segunda Guerra Mundial, continuando a combater muito depois de a guerra ter terminado por não conseguirem aceitar o desenlace.

Jamais o encontrarás, haviam-lhe dito as pessoas. Toca a tua vida para a frente, dissera-lhe o seu próprio irmão. Justin era tão pequenino quando fora levado que ela não fazia ideia de como seria agora, não tinha maneira de o identificar a não ser através de testes de ADN, e não podia percorrer o país a exigir que todos os rapazes de 10 anos fizessem testes de ADN. Isto, partindo do princípio de que ele se encontrava nos Estados Unidos. Podia estar em qualquer lado. Podia estar no Canadá, ou ainda no México. Uma mulher bem-intencionada mas completamente demente chegara-lhe mesmo a dizer que talvez ajudasse fazer-lhe um funeral, e deixá-lo descansar.

O facto dessa mulher ainda estar viva era um atestado do autodomínio de Milla.

Justin *não* estava morto. Se deixasse de acreditar nisso, não conseguiria funcionar.

O espelho da casa de banho reflectiu-lhe de volta um rosto exaurido e pálido de fadiga, com círculos escuros sob os olhos castanhos e um esgar

sombrio na boca. Nessa noite, parecia mais velha que os seus trinta e três anos. A madeixa no seu cabelo despenteado destacava-se sob as luzes fluorescentes. Uns dias depois do rapto, uma das enfermeiras da clínica reparara que ela tinha uma madeixa de cabelo a ficar branca. A madeixa destacava-se sempre nas fotografias que eram tiradas nas angariações de fundos, a fazer lembrar a toda a gente que ela sabia bem demais a agonia que os pais passavam quando perdiam um filho. O resto do cabelo ficara igual, castanho-claro, encaracolado — mas era a madeixa que atraía as atenções.

Amanhã à noite havia mais uma angariação de fundos, pensou; o seu cérebro cansado rectificou. Não, *hoje* à noite. Só porque ainda não tinha ido para a cama, não significava que não fosse já outro dia.

Mas depois de tomar um duche e vestir uma camisa de noite, e de se deixar cair na cama, o sono não veio. Nessa noite, não só estivera perto do homem que roubara Justin, como estivera perto de provocar a sua morte e de a Brian. Se tivesse enfrentado aqueles quatro homens, de pistola na mão, tê-la-iam matado e, inevitavelmente, a Brian, que teria acudido em seu auxílio. Em retrospectiva, a sua falta de controlo horrorizava-a. Brian tivera razão para ficar tão zangado com ela. Os Finders não eram vigilantes; não eram treinados para enfrentar lutas armadas. Todo o grupo central tinha algum treino em armas de fogo, de modo a saberem proteger-se se necessário, mas isso era tudo. Brian, com os seus antecedentes militares, era o mais habilitado deles todos no que tocava a armas.

Mas como aquilo envolvia Justin, perdera o juízo, todo o sentido de cautela. Teria de fazer melhor que isso ou jamais o encontraria, pois estaria morta.

Finalmente deixou-se dormir, e sonhou com Justin. Era um sonho recorrente, um sonho que tinha tido frequentemente nos primeiros anos a seguir a ele ser roubado, mas agora o seu subconsciente raramente o trazia à tona. Como sonho que era, não passava de um pequeno instantâneo, de um realismo de partir o coração. Estava a embalá-lo enquanto lhe dava de mamar, e no sonho ela sentia o seu pequeno peso nos braços, o calor do seu corpinho encostado ao seu. Sentia o cheirinho doce a bebé, tocava o seu cabelo louro e sentia a sua maciez, passava-lhe o dedo pela bochecha deleitando-se com a textura aveludada da sua pele. Sentia o leite a ser sugado, o puxar da sua boquinha de botão de rosa no seu mamilo... e sentia-se em paz.

Acordou a chorar, como sempre. Da forma perversa que o corpo tinha quando estava verdadeiramente cansado, não conseguiu voltar a adormecer. Ao fim de meia hora a tentar tirar o sonho da cabeça, desistiu, levantou-se e pôs café a fazer; depois, enquanto esperava, despiu a camisa

de noite e fez alguns alongamentos e ioga, que era a sua forma de exercício favorita.

Dado que nunca sabia o que um caso poderia exigir dela, quer fosse correr por uma rua de cidade ou escalar rochedos, esforçava-se muito por se manter em boa forma física, mas não era coisa que lhe viesse facilmente ou naturalmente. Detestava suar, quase tanto como detestava insectos e sujar-se. Fazia-o, no entanto, porque tinha de fazê-lo, tal como tinha aprendido a manusear armas de fogo embora odiasse o barulho, o fumo, o cheiro, tudo e mais alguma coisa nelas. Tinha, quando muito, uma pontaria medíocre, mas treinara e treinara até pelo menos conseguir isso. Para localizar os homens que tinham roubado Justin, aprendera a lidar com muitas coisas de que não gostava, transformara-se noutra pessoa. A mulher que ela era antes não teria sido capaz de lidar com estas coisas, de maneira que se forçara a mudar.

Não, aqueles patifes é que a tinham mudado. Havia sido mudada no instante em que Justin lhe fora arrancado à força dos braços. A partir do momento em que recuperara a consciência naquela clinicazinha, demasiado fraca para se mexer, desfeita em dores, passou a ser uma mulher diferente, focada apenas numa coisa: encontrar o seu filho.

Era por isso que David se tinha divorciado dela.

Divorciado, sim, mas não a tinha abandonado. Insistira em comprar-lhe aquela casa na zona ocidental de El Paso, e pagava-lhe uma pensão de quarenta mil dólares por ano. Ambos os gestos lhe permitiam concentrar-se a tempo inteiro na Finders, em vez de ser forçada a arranjar um emprego convencional que lhe teria, por necessidade, severamente cortado as hipóteses de seguir todas e quaisquer pistas que lhe chegavam.

Se ela o tivesse deixado, David teria dado tudo o que tinha para lhe comprar uma luxuosa mansão e oferecer uma quantia ridícula de dinheiro por ano. Aquela casa de condomínio era estritamente de classe média, com cerca de seiscentos metros quadrados, dois quartos de dormir e duas casas de banho lá em cima, e meia casa de banho cá em baixo. Tinha vinte anos, e era acolhedora sem luxos excessivos. Os quarenta mil dólares eram mais ou menos quinze mil dólares a mais por ano do que ela necessitava para se sentir confortável, mas entendia que era a maneira de David a ajudar na busca. Ele não podia fazer o que ela fazia, por isso fazia o que podia, e tendo em conta que tinha agora outra família, aquilo era mais que generoso.

Feitos os exercícios, encheu uma caneca de café e levou-a consigo para cima para se vestir. Hoje não havia necessidade de calças de ganga e botas, graças a Deus; podia pôr uma saia e sandálias, que eram bem mais frescas. Como os pequenos luxos a ajudavam a suportar tempos difíceis, aproveitava sempre os dias em que não viajava para tomar o seu

tempo a cuidar da pele com cremes hidratantes, esmerar-se com o cabelo e a maquiagem, usar perfume; pequenas coisas apenas, coisas que fazia por si própria, mas que apaziguavam uma necessidade dentro dela. Embora houvesse dias em que podia parecer um cruzamento entre a GI Jane⁸ e a Thelma e Louise⁹ mesmo antes de se atirarem de carro do Grand Canyon abaixo, por dentro continuava a ser uma mulher que apreciava coisas femininas.

Por dispender esse tempo com a sua aparência, atrasou-se a chegar ao escritório. A Finders estava situada no piso de cima de um grande armazém, o espaço oferecido por True Gallagher, um empresário de El Paso que nos últimos anos se envolvera no financiamento da Finders. O piso térreo do armazém continuava em uso, e ela estava acostumada ao som dos motores dos reboques a andarem de um lado para o outro lá em baixo, aos gritos dos trabalhadores, ao roncar dos enormíssimos caminhões chegando para carregar ou descarregar maquinaria.

Lá em cima, o escritório era paupérrimo. Lâmpadas fluorescentes à mostra, linóleo cheio de brechas no chão e tinta verde industrial eram as características dominantes. As secretárias metálicas em segunda mão estavam todas estragadas, a maior parte das cadeiras estavam remendadas com fita adesiva e havia apenas dois gabinetes privados — ou antes, semiprivados, dado que a metade de cima da parede fronteira de cada um era uma enorme janela.

O sistema telefónico, contudo, era de primeira categoria. A Finders empregava o dinheiro que tinha onde era mais necessário.

Milla adorava o seu pessoal. Deus era testemunha de que eles não trabalhavam ali pelo que ganhavam, que mal dava para viverem. Trabalhavam longas horas, incluindo a maior parte dos sábados, e por vezes mesmo ao Domingo. Ela não auferia ordenado, nem sequer uma quantia simbólica. A maior parte dos colaboradores da Finders eram voluntários, espalhados por todo o país, que se ofereciam e ao seu tempo sempre que eram necessários para procurarem pessoas perdidas nas suas áreas específicas. O núcleo da Finders, no entanto, o grupo de pessoas ali em El Paso, devotava-se ao trabalho a tempo inteiro e constava da folha de salários.

⁸ Personagem principal e título de um filme norte-americano realizado por Ridley Scott e protagonizado por Demi Moore sobre a primeira mulher a ser treinada para as Forças Especiais da Marinha. (N. da T.)

⁹ Alusão a “*Thelma & Louise*”, filme realizado por Ridley Scott e com Geena Davis e Susan Sarandon nos papéis de duas mulheres em fuga das suas vidas e foragidas da lei. No final, a serem apanhadas pela Polícia, preferem lançar-se de carro do Grand Canyon abaixo. (N. da T.)

A maior parte dos voluntários fazia-o por pura generosidade. Alguns dos seus colaboradores a tempo inteiro também, mas alguns deles tinham motivos pessoais para se encontrarem ali. A melhor amiga de Joann Westfall na escola básica tinha-se perdido numa excursão familiar de campismo e morrido de exposição aos elementos antes de ser encontrada. O ex-marido de Debra Schmale desaparecera com as suas duas filhas, e ela levara mais de dois anos a localizá-los e recuperar as crianças. Olivia Meyer, licenciada por Harvard, nova-iorquina ferrenha, escolhera viver no inferno — o seu termo para El Paso, que ofendia grandemente o pessoal local — porque o seu avô senil saíra de casa num dia de Novembro e passara horas a errar pelas ruas frias da cidade, sem uma camisola sequer para se agasalhar, antes de um polícia dar com ele e o levar a uma esquadra.

A melhor maneira de encontrar gente desaparecida era encher o terreno de pessoas à sua procura. Todos os seus colaboradores estavam cientes disso e se devotavam à tarefa.

Brian estava junto da máquina do café quando Milla entrou. — Quer um? — chamou, e ela assentiu com a cabeça.

Joann lançou-lhe um olhar ansioso. — Que tal correu na noite passada? Descobriram alguma coisa?

— Estava lá o homem que levou o Justin — disse Milla sem rodeios, e todos os que a ouviram ali à volta sustiveram a respiração. Empurraram as cadeiras e correram para junto dela.

— O que aconteceu? — perguntou Debra, com os olhos azuis arregalados. — Falaste com ele?

Brian aproximou-se e colocou um copo de polistireno com café na mão de Milla. — Não. Eles eram quatro, e nós só dois. — Lançou-lhe um olhar que dizia que não se ia descoser no que respeitava ao seu acto impen-sado.

Mas ela não ia disfarçar para manter a imagem limpa. — Era essa a ideia, pelo menos, não tentarmos falar com eles se fossem mais do que dois. Só que, quando o vi, perdi a cabeça. Não pensei em nada senão levar-lhe as mãos à garganta.

— Oh senhores — exclamou Olivia. — O que é que aconteceu? Atiraram contra ti?

— Não chegaram a saber que ali estávamos. Eu fui atacada e deixada inconsciente por outro homem.

— Oh senhores — disse Olivia outra vez. — Magoaste-te? Foste vista por um médico?

— Não a ambas as perguntas.

— Não estou a perceber — disse Joann. — Esse outro homem sabia obviamente que estavas ali, porque é que ele não disse nada aos outros?

— Não estava com eles. Também estava a espiá-los.

— Bem, é uma reviravolta — murmurou mais alguém.

— Alguma ideia de quem seria ele? — perguntou Debra.

— Nem uma pista. Não lhe vi a cara. Mas fosse o que fosse que estava a tramar, salvou-nos as vidas ao atacar-me. E já que estou em maré de confissões, também entrei numa *cantina* e ofereci dez mil dólares a quem quer que seja que me diga onde posso encontrar o Diaz. Por isso, se receberem alguns telefonemas a fazerem perguntas sobre a recompensa, é disso que se trata.

— Isso explica tudo — disse Olivia, erguendo as sobrancelhas. — Logo de manhã atendi uma chamada de ameaça, a dizer-me para me manter afastada do Diaz ou morreria. Pelo menos, acho que foi isso que ela disse. Ainda não tinha tomado café, de maneira que a minha compreensão do espanhol ainda não estava na velocidade máxima. Disse-lhe que não tenho nenhum namorado chamado Diaz.

— Ela? — perguntou Milla, levantando também as sobrancelhas.

— Era sem dúvida uma “ela”. Por isso pensei numa namorada zangada. Não há dúvida que parece ter incomodado alguém.

Sim, era verdade. Isto era interessante, e excitante. — Conseguiste apanhar o número?

— Claro. — Olivia foi até à secretária ver a identificação da chamada. — Diz “El Paso”, mas não reconheço o indicativo.

Brian inclinou-se e olhou para o número. — Cartão telefónico — disse. — Impossível de localizar.

Havia qualquer coisa em Brian que complicava com cada nervo nova-iorquino que Olivia ainda possuía. — A sério? — O tom dela soou gélido. — E suponho que podes dizer a idade, o sexo e o peso pelo número de telefone, também, ó Grande Caçador Branco. — Esta última expressão era uma alfinetada subtil aos seus antecedentes militares; Olivia era uma pacifista ferrenha que só com extrema relutância aprendera o mínimo sobre armas de fogo.

— O sexo, não — disse ele com um grande sorriso. — Para isso tenho outro método. — Pôs fim à discussão despenteando-lhe o cabelo antes de prudentemente lhe sair do caminho. — E não só, compro cartões telefónicos para fazer chamadas de longa distância, por isso é que sei como é que aparecem os números no visor. Com a minha vasta perícia, diria que se trata de um cartão da AT&T, fácil de comprar em qualquer Wal-Mart e num milhão de outros sítios.

Milla comprava frequentemente cartões telefónicos para usar quando estava em viagem e a rede de telemóvel era irregular, mas duvidava de que Olivia, com os seus antecedentes abastados, tivesse sequer reparado

alguma vez nos cartões telefónicos à venda praticamente por todo o lado. Se ela necessitasse de fazer uma chamada e não tivesse rede de telemóvel, simplesmente telefonaria a cobrar através do cartão de crédito ou no seu telefone de casa, garantindo assim contas astronómicas.

Retornando ao assunto, Milla disse: — Vamos lá expor os factos. Ontem ao fim da tarde, recebi uma chamada no meu telemóvel a dar-me a informação a respeito do Diaz. De um homem. Não reparei no número, mas confirmarei a ver se é o mesmo do telefonema de hoje. Tanto eu como o Brian pensámos que podia ser uma cilada, não para nós, mas para o Diaz. Alguém a querê-lo fora do caminho.

— Chegamos ao ponto de encontro, e o homem que levou Justin é um dos homens que aparecem. É o único que eu reconheci. O mais provável é que seja *ele* o Diaz, pois é muita coincidência.

Milla reparou que, enquanto falava, Joann anotava atarefadamente cada ponto.

— Os quatro homens chegaram em dois carros, dois em cada carro, tiraram qualquer coisa da mala de um carro e passaram-no para o outro. Não consegui ver o que era... — Porque tinha a cabeça dolorosamente puxada para trás.

— Um corpo — disse Brian num tom categórico. — Embrulhado num oleado ou cobertor.

Milla sentiu um arrepio descer-lhe pela espinha abaixo. Devia tê-lo percebido, mas estava demasiado concentrada no homem só com um olho. Mais uma prova de como tinha de controlar as emoções; passavam-lhe ao largo coisas que deviam ter sido óbvias para ela.

— Fui deixada inconsciente por um atacante desconhecido que também estava muito interessado nos quatro homens, e não estava interessado de todo no que eu fazia ali. Quando os quatro se foram embora, ele recorreu à manobra da artéria carótida para me deixar inconsciente...

— Não me contaste isso — interrompeu Brian, com um olhar exasperado.

— Inconsciente é inconsciente. Pelo menos não tive nenhuma contusão.

— Não, mas a menos que se saiba o que se está a fazer, pode-se provocar danos cerebrais se se pressionar tempo de mais. Embora calcule que na maior parte dos casos isso não interesse para nada, considerando que se está a cortar o acesso de sangue ao cérebro de um homem. Ou de uma mulher, no teu caso.

Era uma perspectiva sem a qual ela teria passado bem, constatar a facilidade com que poderia ter ficado seriamente lesada. Não que houvesse alguma coisa que ela pudesse ter feito para se proteger, para além

de não se encontrar ali, para começar, e retirar-se das buscas estava fora de questão.

Sacudiu para longe o alarme que sentiu em retrospectiva. — Presumo que o homem tenha então seguido um dos carros, mas pode não o ter feito. Pode ter-nos seguido a mim e ao Brian. Não me ocorre nenhuma razão para ele o fazer, além de curiosidade, mas não deixa de ser uma possibilidade. Ofereci uma recompensa de dez mil dólares numa *cantina* cheia de homens, a troco de informação que me levasse ao Diaz, e esta manhã telefona uma mulher a dizer-nos para nos mantermos afastados do Diaz ou morreremos. — Fez uma pausa. — Alguém tem alguma coisa a acrescentar a esta salganhada?

Ninguém respondeu. Joann avaliou os factos. — Eu diria que a única anomalia é esse tipo que te atacou. Tudo o mais faz sentido. Diria que o homem só com um olho é o Diaz e que alguém o tentou tramar. Ele ouviu falar da tua ida à *cantina* e da declaração que fizeste, obviamente percebeu que tinhas estado muito perto dele nessa noite, uma vez que te encontravas na mesma aldeia à mesma hora, e mandou alguém ligar a ameaçar-te.

Milla já formara a mesma opinião, mas não de forma tão concisa. Joann tinha um tal dom de clareza que levava Milla a apreciá-la ainda mais.

— É óbvio que alguém — a pessoa que originalmente me ligou — quer que descubramos o Diaz, seja por que razão for. Provavelmente qualquer rivalidade, mas não me interessa porquê. Tudo o que podemos fazer agora é esperar que ele me contacte outra vez.

O que ia contra tudo o que gostaria de fazer. Desejaria vasculhar a região em torno de Guadalupe, embora a lógica lhe dissesse que seria uma perda de tempo. Queria estar activa a fazer alguma coisa, em vez de ficar à espera de um telefonema que podia demorar dias, semanas, se chegasse sequer.

O telefone tocou nesse preciso momento, e um colaborador correu a atender. Depois de escutar durante um minuto, levantou o olhar e disse: — Alerta Amarelo na Califórnia, zona de San Clemente.

Era uma chamada para os diversos batalhões. Segundos depois, estavam todos ao telefone, alertando o exército de voluntários em San Clemente e arredores, pondo pessoas nas vias rápidas e auto-estradas à procura do veículo em questão, um *Honda Accord* azul. De acordo com testemunhas, um homem tinha deitado mão a uma rapariga de doze anos no parque de estacionamento de um restaurante de *fast-food* e metendo-a à força dentro do seu carro. Uma mulher conseguira ver parcialmente a matrícula quando o carro saíra a derrapar do parque de estacionamento.

Com essa informação, a Finders instalaria pontos de observação, pessoas com binóculos à cata de algum *Honda Accord* azul com um ho-

mem ao volante. Assim que fosse avistado algum, a informação seria passada a agentes da Finders motorizados que tratariam de dirigir-se ao carro e verificar a matrícula. A Finders não procurava fazer qualquer detenção; se localizassem o veículo deveriam notificar a Polícia local e deixá-la-iam acabar o trabalho.

Milla consultou as horas: oito e quarenta e três na Califórnia. O trânsito estaria congestionado, o que podia ajudar ou não. Se um automobilista estivesse a ouvir rádio, escutaria o Alerta Amarelo, mas, se estivesse a ouvir um CD ou MP5, não; simplesmente seguiria caminho.

Deixou para trás outra vez os acontecimentos da noite passada, e concentrou-se em recuperar a rapariguinha na Califórnia enquanto ainda estava viva.

Não pudera fazer isso pelo seu próprio filho, mas podia fazê-lo pelo de outra pessoa.

| 5 |

A angariação de fundos dessa noite teria lugar no ginásio de uma escola secundária local. A Finders em geral não enveredava por festas de gala, o que agradava a Milla, embora ocasionalmente desse com ela em eventos mais chiques. Investira num vestido de noite apropriado, o que queria dizer que lhe custara couro e cabelo, mas não queria gastar dinheiro a comprar mais nenhum além desse. Tinha, sim, vários bons vestidos de *cocktail*, e naquela noite usou o seu preferido, necessitando daquele estímulo para funcionar uma vez que se sentia muito cansada. O azul-gelo fazia maravilhas pela sua tez cálida, e os sapatos a condizer com o vestido eram suficientemente confortáveis para não estar numa agonia ao fim da noite.

Tinha saído do escritório umas duas horas mais cedo e passara o tempo a mimar-se: máscara facial, manicura, pedicura. Até conseguiu dormir uma pequena sesta, que a manteria desperta durante várias horas. Esmerou-se a pentear o cabelo encaracolado e, embora nunca conseguisse domá-lo completamente, lá conseguiu um arranjo que se via ser cuidado. A máscara deixara-lhe a pele mais luminosa e fizera-a parecer menos cansada, e maquilhou-se ligeiramente para suavizar ainda mais o rosto. Perfume, meias, jóias — adorava todo aquele ritual, a forma como ele a fazia sentir-se. Tinha tão poucas vezes a oportunidade de se permitir ser bem

feminina que se desforrava nas angariações de fundos. Eram cruciais para a saúde financeira da Finders, mas de uma forma mais subtil eram igualmente cruciais para a sua sanidade mental.

Conduziu o seu *Toyota SUV* branco com seis anos até à escola secundária, onde o parque de estacionamento já estava cheio com uma diversidade de carros, *pick-ups* e *SUV*, os dois últimos superando de longe os automóveis normais. Pessoas bem vestidas dirigiam-se apressadamente para o ginásio, pois só um idiota se deixava ficar ao calor em El Paso em pleno Agosto. Embora o sol já se houvesse posto e estivesse a cair o crepúsculo, na curta caminhada até ao ginásio Milla sentiu gotas de transpiração formarem-se-lhe entre os seios.

Comparecia sempre sozinha a estas angariações de fundos, embora pudesse ter pedido a Brian ou qualquer um dos outros homens que trabalhavam na Finders para a acompanhar. Para começar, as angariações de fundos eram mortalmente aborrecidas e não queria impingi-las a mais ninguém. Além disso, estava sempre penosamente consciente da forma como se apresentava às pessoas a quem pedia dinheiro para a sua causa.

Os factos do seu caso em particular eram bem conhecidos, que o seu bebé tinha sido roubado e um ano mais tarde o seu casamento soçobrava à tensão, mas que desde então devotara a sua vida a procurar não apenas o seu filho, mas outros desaparecidos também. Por alguma razão, a sua solidão fazia abrir os cordões às bolsas. Se comesse a comparecer nas angariações de fundos com um homem diferente de cada vez, as pessoas podiam começar a pensar que ela passava mais tempo a namoriscar do que a trabalhar. Quando o trabalho dependia do dinheiro que se recebia dessas mesmas pessoas, o que elas pensavam era importante.

Abriu uma das pesadas portas duplas que davam para o ginásio e entrou no abençoado ar fresco. Tinham sido dispostas mesas redondas de oito a dez pessoas no recinto do ginásio, cujo chão tinha sido coberto de feltro verde para evitar que ficasse riscado e marcado. As mesas estavam cobertas de toalhas brancas, os marcadores e guardanapos impecavelmente dispostos, e no meio de cada mesa havia flores frescas. No topo do recinto encontrava-se uma mesa comprida num estrado improvisado, e uma tribuna. Ela ficaria ali sentada com os organizadores do evento, o presidente da câmara, e os *socialites* de El Paso que faziam um esforço para ajudar.

Discursava sempre nestes eventos, e ao fim de tantos anos já não tinha necessidade de notas prévias. O seu discurso era sempre essencialmente o mesmo, embora os detalhes pudessem variar; falava sempre de descobertas efectuadas pela Finders, tanto com finais felizes como infelizes. Os finais felizes serviam para ilustrar que a Finders providenciava um bom serviço; os finais infelizes serviam para ilustrar que, com um financiamento

adequado, poderiam fazer ainda melhor. Nessa noite, Tiera Alverson estava muito presente no seu pensamento. Uma adolescente de catorze anos não devia acabar morta num depósito imundo infestado de baratas, as veias torturadas pela droga.

Sorrindo, falando a pessoas suas conhecidas, começou a avançar em direcção ao estrado. Estava sensivelmente a meio caminho quando uma mão dura e quente a agarrou pelo cotovelo fazendo-a parar, largando-a imediatamente. Virou-se e sorriu ao deparar com o olhar escuro semicerado de True Gallagher. — Olá, True, como vai?

— Parece cansada — disse ele sem cerimónias, ignorando as amenidades sociais.

— Obrigada — replicou ela com um tom retorcido. — Fiquei a saber que fiz um esforço em vão.

— Eu não disse que estava com mau aspecto. Disse que parecia cansada.

— Sim, mas o esforço era para me fazer parecer menos cansada.

— Talvez tivesse resultado. — Observou-a com o seu olhar arguto. —

Até que ponto está cansada?

— Exausta — disse ela, sorrindo.

— Então resultou.

True era um empresário feito a pulso, um homem que subira na vida à própria custa após um passado de pobreza, e a luta fizera dele um homem poderoso. Esse poder residia ainda mais na força da sua personalidade do que na sua base financeira, mas ela não tinha qualquer dúvida de que True Gallagher morreria milionário. Era determinado e implacável, e não permitia que nada se intrometesse no seu caminho. Contudo, a partir do momento em que começara a desfrutar de algum sucesso, tinha-se interessado pela Finders e era um dos seus mais consistentes patrocinadores.

Ela não sabia que idade teria True; tanto podia ter trinta e cinco anos como quarenta e cinco. Tinha o rosto super bronzeado e desgastado de longas horas de exposição ao sol do oeste do Texas, a constituição ainda magra e forte. Era alto, com cerca de um metro e noventa e dois, um metro e noventa e cinco, e possuía um magnetismo animal em que as mulheres reparavam automaticamente. Por vezes vinha acompanhado a estes eventos, mas era mais frequente comparecer sozinho. Dado que não tinha nenhuma Miss Agosto pendurada do seu braço, Milla partiu do princípio de que desta vez vinha só ele.

— Noitada? — perguntou ele, pondo-lhe uma mão nas costas incitando-a a continuar para o fundo do recinto e seguindo atrás dela.

— Sim, ontem. Espero ter hoje uma noite mais calma.

— O que é que aconteceu?

Ela não ia fazer uma descrição da noite inteira. Em vez disso, dis-

se: — Foi um dia difícil. Encontrámos a fugitiva que procurávamos, mas estava morta.

— Pois, é duro. Que idade tinha ela?

— Catorze.

— Idade difícil. Tudo parece o fim do mundo, e é impossível chamar-se à razão alguém que não vê o amanhã.

Ela não podia jamais imaginar True Gallagher a sofrer de angústia da adolescência, ou de toxicod dependência, ou outra debilidade qualquer. Admirava-se que ele tivesse sequer conhecimento delas. Parecia feito de pau-ferro, impermeável ao que o rodeava.

A força dele atraía-a. Apreciava aquele quase *flirt* com ele, embora tivesse sempre o cuidado de não passar a linha. Ele era um patrocinador importante, e permitir alguma vez que a relação entre ambos se tornasse pessoal seria imensamente estúpido da sua parte. Na melhor das circunstâncias, os negócios não se misturavam muito bem com o prazer; dependendo ela da generosidade dele para manter a Finders a funcionar, ter um breve devaneio com ele teria sido receita certa para o desastre.

Além disso, nesse momento não tinha tempo para devaneios, breves ou não. Não só estava incapaz de dar toda a sua atenção a um romance, como o seu trabalho a obrigava a viajar muito. Tentara namoriscar, aqui e ali, desde o divórcio; se o homem estivesse remotamente interessado nela, não lhe agradava a quantidade de tempo que ela passava fora. Infelizmente, não era coisa em que ela cedesse, ponto final. Tentara uma ou duas relações, só para as deixar murchar de negligência. Acabara por chegar à conclusão de que não era justo nem para o homem nem para ela perderem o seu tempo até chegar o dia em que se pudesse dedicar a algo mais do que procurar Justin.

E, no fundo do coração, sabia que não encontrara ainda um homem que se igualasse a David nos seus afectos. Já não estava *apaixonada* por ele — o tempo e a vida tinham-se encarregado disso —, mas uma parte dela amá-lo-ia para sempre pelo homem que era. Não se deixava consumir por ele; não ficava acordada à noite ansiando por ele. Havia uma linha bem demarcada na sua vida, e David pertencia ao outro lado da linha. Mas ela sabia o que era amar, e ninguém desde então despertara esse tipo de emoção dentro dela.

True Gallagher estava a pensar tentar. Sentia-o, da forma como as mulheres percebem sempre estas coisas. A prova estava na maneira como ele a tocava — sempre de uma forma pública e adequada, mas não deixando de a *tocar*. Ainda não fizera um esforço para levar a relação deles mais longe, mas a ideia estava lá, por trás dos seus pensamentos. Ela não tinha dúvidas de que ele acabaria por se resolver a tentar.

E teria de arranjar uma maneira graciosa de o rejeitar que não prejudicasse a Finders.

O ginásio enchia-se rapidamente, e Marcia Gonzalez, a responsável pela organização do evento, estava a fazer-lhe sinal a ela e a True para que ocupassem os seus lugares. Milla deslizou para a cadeira que True colocou a jeito para ela, junto à tribuna, e de algum modo não ficou admirada quando ele se sentou ao seu lado. Desviou automaticamente as pernas no sentido contrário para que não houvesse qualquer roçar acidental da perna dele contra a dela.

O serviço de *catering* começou a distribuir os pratos de frango-bor-racha e feijão-verde que eram da praxe nas angariações de fundos. O frango era assado, o feijão-verde tinha lascas de amêndoa, o pão era seco. Ela teria preferido um *taco*¹⁰ ou um hambúrguer, qualquer outra coisa além de mais frango e feijão-verde. Pelo menos era uma dieta relativamente saudável, e nunca se sentia tentada a comer de mais.

True espetou a faca no seu frango como se estivesse a imaginar que o matava. — Porque é que nunca nos dão a comer carne assada? — resmungou. — Ou bife?

— Porque há muita gente que não come carne vermelha.

— Estamos em El Paso. Toda a gente aqui come carne vermelha.

Provavelmente tinha razão, mas se havia alguém na cidade que não comesse carne vermelha, provavelmente faria parte do círculo social que comparecia em eventos de caridade. Os organizadores tinham sabiamente jogado pelo seguro. Infelizmente, seguro significava frango e feijão-verde.

True sacou um pequeno moinho do bolso do fato e começou a polvilhar a comida com uma coisa vermelha.

— O que é isso? — perguntou Milla.

— Especiarias do sudoeste. Quer?

O olhar dela iluminou-se. — Oh, por favor.

Não foi tão liberal com o moinho como True, mas as suas papilas gustativas agradeceram reconhecidas.

— Há dois anos que ando com este moinho atrás de mim — confessou ele. — Tem-me salvo a vida.

A mulher do outro lado dele inclinou-se por sua vez. — Posso pedir um bocadinho? — perguntou, e rapidamente o moinho foi passado por baixo da mesa, as pessoas trocaram sorrisos e o grau de entusiasmo aumentou visivelmente.

¹⁰ Prato típico mexicano, composto de massa de milho com recheio de carne picada, queijo, alface, por vezes tomate, e eventualmente outras coisas mais. (N. da T.)

Milla observou-lhe o rosto forte enquanto comiam. Havia alguma coisa nas feições dele que a fazia interrogar-se se não seria em parte hispânico. Sabia que ele tinha fortes contactos com a comunidade hispânica, de ambos os lados da fronteira.

True crescera nas ruas de bairros pobres. Os seus contactos não eram só com pessoas influentes, mas também com os elementos menos recomendáveis. Interrogou-se se ele conseguiria descobrir alguma coisa a respeito de Diaz que ela não conseguisse.

— Já alguma vez ouviu falar de um homem chamado Diaz? — perguntou.

Talvez fosse imaginação sua, mas julgou vê-lo quedar-se imobilizado por uma fracção de segundo. — Diaz? — disse. — É um nome vulgar. Provavelmente conheço umas cinquenta ou sessenta pessoas com esse nome.

— Este trabalha do outro lado da fronteira. Está de alguma forma envolvido no tráfico de pessoas.

— Um coiote.

— Não me parece. Não me parece mesmo que seja ele a fazê-lo. — Hesitou, pensando na certeza de Brian de que os quatro homens na noite passada estavam a mover um corpo. — Provavelmente também é um assassino.

True bebericou um pequeno gole de água. — Porque quer saber de uma pessoa como ele?

Porque pensava que ele era o filho da mãe que roubara o seu bebé. Engoliu as palavras e recorreu ao seu próprio copo de água. — Tento localizar qualquer pessoa que me possa levar ao Justin — disse por fim.

— Então acha que esse Diaz esteve envolvido?

— *Sei* que o homem que levou o Justin tem apenas um olho, porque fui eu que lhe arranquei o outro. — Inspirou fundo, trémula. — E *acho* que o seu nome é Diaz. Pode ser que não seja, mas o nome está sempre a vir à baila. Se me conseguisse descobrir alguma coisa a respeito de um homem só com um olho chamado Diaz, ficar-lhe-ia grata.

— O facto de só ter um olho torna as coisas mais fáceis. Vou ver o que consigo saber.

— Obrigada. — Estava consciente de que ele poderia usar o seu pedido como uma plataforma para outras coisas, mas essa seria uma situação com que teria de lidar se e quando ocorresse. Ele já tinha ouvido falar no nome, pensou. Sim, provavelmente conhecia uma data de gente com o apelido Diaz, mas, ainda assim, significara alguma coisa para ele no contexto a que ela se referira. Por algum motivo ele estava a ser cauteloso, escondendo as suas cartas. Talvez tivesse tido negócios com Diaz no seu passado menos honroso e não quisesse que se soubesse.

Estava a ser servida a sobremesa, um bolo amarelo com cobertura de chocolate. Ela recusou o seu com um aceno de mão, mas aceitou café. Estava a aproximar-se a hora de discursar, e queria pôr os pensamentos em ordem. Estas pessoas tinham pago quarenta dólares por prato a troco de comida verdadeiramente insípida, e algumas delas passariam um cheque à parte para a Finders a seguir; pelo menos podia dar-lhes um discurso coerente.

•

Por voltas das dez e meia, feito o discurso, pronunciados os agradecimentos, apertadas as mãos, Milla subiu cansada para o seu carro. Quando estava prestes a fechar a porta, True chamou-a e dirigiu-se a ela.

— Aceita jantar comigo amanhã à noite? — perguntou, sem qualquer preâmbulo ou *flirt* preparatório, o que ela muito apreciou, pois sentia-se de tal maneira cansada que achava que não conseguiria aguentar nem um ligeiro baile verbal.

— Obrigada, mas tenho outra angariação de fundos em Dallas amanhã à noite. — E estava quase tão ansiosa por ela como estaria se fosse arrancar um dente.

— E depois de amanhã?

Ela esboçou um sorriso retorcido. — Depois de amanhã, não faço ideia de onde estarei. Não posso garantir nada.

Ele deixou passar uns instantes de silêncio. — É uma vida dura, Milla. Não há tempo para nada de pessoal.

— Bem sei, acredite. — Suspirou. — Mas de qualquer maneira não poderia ir jantar consigo, dada a situação.

— Que é...

— O True é patrocinador da Finders. Não posso arriscar prejudicar a organização com a minha vida social.

Outro instante de silêncio. — É honesta — disse ele finalmente. — E frontal. Admiro-o, embora ache que a farei mudar de ideias.

— Acho que tentará — corrigiu ela gentilmente.

Ele riu-se, com um som grave, masculino e delicioso. — Isso é um desafio?

— Não, é a verdade. Nada neste mundo significa tanto para mim como encontrar o meu filho, e nada farei para pôr isso em risco. Ponto final.

— Já passaram dez anos.

— Não quero saber nem que tenham passado vinte. — Por estar tão cansada, a sua voz soou mais aguda do que desejaria. A declaração dele era muito parecida com aquilo que o seu irmão, Ross, lhe dissera, que estava na altura de deixar o assunto para trás e tocar a sua vida para a frente, como se

a vida de *Justin* estivesse completamente acabada, como se o amor tivesse um tempo limite. — Não quero saber se me levará o resto da vida.

— É um caminho difícil o que se dispôs a percorrer.

— É o único caminho que vejo.

Ele fechou-lhe delicadamente a porta e recuou. — Por agora. Descobrirei o que puder sobre esse Diaz que anda a tentar apanhar, e contactá-la-ei. Até lá, tenha cuidado.

Era uma coisa estranha de se dizer. Ela ficou a olhar para ele, as palavras penetrando o seu profundo cansaço. — Sabe alguma coisa, não sabe? A respeito do Diaz.

Ele não respondeu directamente, em vez disso disse: — Verei o que consigo descobrir. — Dirigiu-se para o seu próprio carro, e Milla ficou a segui-lo com o olhar.

Sim, ele decididamente sabia alguma coisa. E o que ele sabia não devia ser coisa boa, para a prevenir que tivesse cuidado.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha apesar do calor que ainda se fazia sentir mesmo àquela hora da noite. Estava no bom caminho. Sabia-o. E segui-lo bem podia significar a sua morte.

| 6 |

Algures durante a noite, Milla acordou com um pensamento bem claro na cabeça: não fora verificar o número de quem lhe ligara a dar a informação sobre o encontro em Guadalupe. O número podia não ser importante, mas também... podia. Ainda meio-bêbeda de sono e cansaço, tropeçou para fora da cama e acendeu a luz de cima, pestanejando sob a claridade ofuscante. Tirou o telemóvel da mala, ligou-o, depois foi ao menu ver as chamadas mais recentes. Lá estava, e era um indicativo de El Paso.

Já tinha carregado na tecla de marcação quando olhou de relance para o relógio e viu que eram duas e vinte. Desligou apressadamente. Quem quer que fosse esperaria até de manhã, e provavelmente cooperaria melhor também.

Anotou o número, apagou a luz e voltou para a cama. Desta vez sonhou, fragmentos dispersos que não faziam qualquer sentido e dos quais se esquecia imediatamente de cada vez que despertava o suficiente para ter consciência de que estava a sonhar. Apesar do sono agitado acordou à hora

do costume, cinco e meia, sentindo-se quase normal. Hoje era Domingo, apercebeu-se, o único dia da semana em que não ia ao escritório — a não ser que surgisse alguma coisa. Metade das vezes, no entanto, alguma coisa surgia. As crianças não queriam saber que dia da semana era quando saíam de casa e se perdiam, nem os raptos estavam preocupados com isso.

Deixou-se ficar na cama mais um quarto de hora, gozando o tempo de que dispunha. Era tão raro dormir até tarde que quase nunca o *fazia*, mesmo quando podia, mas sabia bem não ter de saltar da cama para fora e dar início a mais um dia.

Precisamente quando ia a levantar-se, tocou o telefone. Resmungou ao afastar as cobertas para trás e levantou-se. Estava habituada a telefonemas a qualquer hora da noite — e da madrugada —, mas significavam quase sempre trabalho e sentiu o estômago contrair-se-lhe ao atender o telefone.

— Milla, fala True Gallagher. Acordei-a?

A surpresa fê-la sentar-se na cama. — Não, eu levanto-me cedo. E o True também, pelo que vejo.

— Na verdade, estive a pé toda a noite a recolher informação para si, e queria falar consigo antes de ir para o escritório.

— Esteve a pé toda a noite? — Não era intenção dela incomodá-lo daquela maneira. Depois disse: — Vai ao escritório ao Domingo?

Ele soltou uma risadinha. — Geralmente não, mas hoje tenho uma coisa para tratar.

— Odeio pensar que estive acordado toda a noite por minha causa. Lamento. Não era urgente; podia ter esperado até amanhã.

— As pessoas com quem eu precisava de falar não são pessoas que se possam apanhar de dia.

— Compreendo. Devia ter pensado nisso. — Ela própria lidava frequentemente com esse tipo de gente.

— Tenho boas e más notícias. A boa notícia é que obtive alguma informação sobre o Diaz que você procura, mas a má notícia é que isso provavelmente não lhe servirá de nada.

— O que é que quer dizer?

— Anda à procura do homem que roubou o seu bebé, não anda? Isso significa que ele operava em Chihuahua há dez anos. Este Diaz, não. Só começou a aparecer há cinco anos.

Ela sentiu uma pontada de desapontamento, pois aquele nome era o único nome que ela sempre ouvira associado a raptos. — Tem a certeza?

— A certeza possível, dadas as circunstâncias. Este tipo não deixa propriamente rasto das suas actividades. Mas dê-se por feliz por ele não ser a pessoa que procura, pois ele é mesmo uma má notícia. Diz-se que é um assassino. Se quer que alguém desapareça, é só fazer passar a notícia que

o Diaz a contactará. Ele localiza o alvo e trata-lhe do problema. E supostamente é bom como o raio no que faz, também. As pessoas ouvem dizer que ele lhes está no encalço e fogem, mas ele encontra-as sempre. Nalguns círculos é conhecido apenas por um nome, o Pisteiro.

— Tem a certeza de que este Diaz tem apenas um olho?

— Absoluta.

Ela agarrou-se à outra hipótese que tinha. — Ouvi dizer que é provável que ele empregue um gangue de coiotes, por isso pode ser que o homem que levou o Justin trabalhe para ele.

— Duvido. Não ouvi dizer nada disso. Segundo consegui apurar, o Diaz trabalha sempre sozinho.

Ela quase podia sentir outra oportunidade a desfazer-se como uma bola de sabão sob os seus dedos, tal como as anteriores, de há dez anos para cá. Ouvia dizer alguma coisa, ficava toda esperançada de que finalmente estivesse a fazer alguns progressos, e depois... nada. Nada de mais informações, nada de progressos e nada de Justin.

— Poderá haver outro Diaz? — Estava a agarrar-se a outra bola de sabão e sabia-o, mas que mais podia ela fazer? Não se agarrar?

Ele deixou escapar um sopro cansado. — Demasiados. Eu próprio conheço uns quantos, homens a quem não gostaria de virar as costas. Mas consegui eliminar alguns que estavam automaticamente postos de parte durante o período em questão.

Na cadeia, queria ele dizer. — E os outros? Haverá algum só com um olho?

— Ainda tenho umas coisas a inquirir. Mas, actualmente, quando as pessoas dizem “Diaz”, estão a referir-se ao assassino. Não me admira que o nome dele viesse à baila quando andou a fazer perguntas, mas folgo em saber que não terá de lidar com ele.

Ela lidaria de bom grado com o próprio Diabo se ele a ajudasse a encontrar Justin. — Tudo o que quero é informação — disse, esfregando a testa. — Já nem sequer estou preocupada em fazer justiça. Apenas quero fazer algumas perguntas. Se descobrir algum Diaz que possa ter estado envolvido há dez anos, pode fazer-lhe chegar o recado de que eu não o entregarei, que apenas quero falar? — Era mentira. Independentemente de qual fosse o nome do homem só com um olho, ela queria matá-lo. Depois de falar com ele, claro. Mas faria o que tivesse de fazer, e se fosse necessário deixá-lo em liberdade, deixá-lo-ia em liberdade. Odiaria fazê-lo, mas fá-lo-ia.

— Posso tentar, mas não fique esperançada. E faça-me um favor.

— Se puder.

— Se precisar de contactar alguém, ou descobrir alguma coisa, faça-o através de mim. É demasiado perigoso para si andar sozinha atrás destes

tipos. Seria melhor deixar o seu nome inteiramente de fora, para que não fique ao alcance do radar deles.

— O meu nome não está na lista telefónica. O endereço nos meus cartões de visita é o endereço da Finders.

— Isso ajuda, mas não faz mal nenhum pôr uma camada extra de protecção entre você e eles. Eu sei como lidar com eles.

— Mas isso não o deixa a si em perigo? Há anos que granjeei a reputação com a Finders de que só nos interessa recuperar pessoas, não fazer trabalho de polícias, então porque é que haveriam eles de confiar mais em si do que em mim?

— Por causa de umas pessoas que eu conheço — disse ele categoricamente. A voz suavizou-se-lhe. — Deixe-me ajudar, Milla. Deixe-me fazê-lo.

O instinto dizia-lhe para não aceitar a oferta dele, que ao fazê-lo iria permitir-lhe aproximar-se mais dela do que seria ajuizado. Ele não estava a propor ajuda em termos pessoais, mas o tom da sua voz era muito pessoal. Por outro lado, ele era um trunfo que ela podia usar; descobrira mais a respeito de Diaz numa noite do que ela descobrira em dois anos, isto partindo do princípio de que estavam a falar do mesmo homem.

— Está bem — disse, demonstrando a relutância que sentia. — Mas isso não me agrada.

— Bem vejo. — Havia um sorriso na voz dele agora que levava a sua avante. — Confie em mim, é a coisa mais acertada a fazer.

— Bem sei que é acertado para mim; só espero que não seja uma má jogada para si. Não posso agradecer-lhe o suficiente por se dar a este incómodo todo...

— Claro que pode. Se estiver por cá amanhã à noite, venha jantar comigo.

— Não — disse ela com firmeza. — O motivo que lhe dei ontem à noite mantém-se.

— Ah, pronto, não custa tentar. — Mudou habilmente de assunto. — Quando é que é o seu voo para Dallas?

— Às duas e qualquer coisa.

— Volta logo à noite?

— Não, passo lá a noite e apanho o primeiro voo amanhã de manhã.

— Tenha cuidado, então, e eu falo-lhe quando estiver de volta.

— Assim farei. E obrigada. Oh... — disse ela, pensando numa coisa de repente. — Conseguiu saber o primeiro nome do Diaz? Do assassino Diaz, quero eu dizer. Podemos usar isso para avaliar os boatos todos que ouvimos, e descartar quais os que lhe dizem respeito.

— Não, não consegui saber o primeiro nome dele — disse, mas hou-

ve uma hesitação mínima que a fez pensar outra vez que ele sabia mais do que estava a dizer.

Dado, no entanto, que ele se estava a dar ao incómodo de a ajudar, não ia levar-lhe a mal o excesso de protecção. Agradeceu-lhe mais uma vez, despediu-se, e começou a fazer os preparativos para a viagem a Dallas.

Tinha roupa para lavar, cheques a passar para pagar contas, algumas tarefas domésticas ligeiras; para além da roupa, limpar o pó era o pior de tudo. Mas gostava de ter a casa limpa e cheirosa, de maneira que se esforçava por isso. Uma vez por semana mudava o *pot-pourri* que tinha em cada divisão, para que sempre que entrasse em casa tivesse a acolhê-la uma fragrância agradável. Por vezes, isso era o único conforto que tinha.

Por volta das nove e meia, tinha a última máquina de roupa lavada na secadora. Selou os envelopes a enviar e decidiu ir metê-los no correio em vez de os deixar na sua caixa do correio para o dia seguinte, dado que o pagamento do seu cartão de crédito se encontrava no molho. Pegou nas chaves do carro, depois no último minuto verificou se o número usado pelo informador ainda estava registado no seu telemóvel. Por vezes os números desapareciam, e ela não sabia porquê. Talvez estivesse a carregar numa combinação de teclas que apagasse os números, mas, fosse qual fosse a razão, aquilo acontecia. Com efeito, quando acedeu ao menu e foi às chamadas recebidas, não estava lá nada. Nada. Nem um único número.

Soprou de frustração, depois correu lá acima a buscar o bocado de papel onde anotara o número na noite passada. Graças a Deus, tinha tomado nota dele. Podia passar pelo escritório, tratar de alguma papelada e verificar o número no computador.

O armazém estava fechado aos Domingos, com o parque de estacionamento de gravilha normalmente vazio. Hoje, contudo, o *Jeep Cherokee* vermelho de Joann estava parado mesmo à porta. Milla estacionou ao lado do *Cherokee* e subiu o lance íngreme da escada exterior que levava ao segundo piso. Quando tentou abrir a porta, viu que estava fechada à chave, o que era avisado, visto que Joann se encontrava ali sozinha. Milla abriu a pesada porta de aço e entrou, chamando, — Joann? —, tanto para saber onde estava a amiga como para lhe dar a conhecer que tinha entrado. Jogando pelo seguro, trancou a porta atrás de si.

— Aqui — chamou Joann, saindo da sala do café. — Estou a fazer umas pipocas, mas tenho outra embalagem. Queres?

— Não, obrigada, tomei um pequeno-almoço a valer.

— As pipocas são a valer. E comi uma *Pop-Tart*,¹¹ também.

¹¹ Pastel com recheio doce da Kellogg's, que normalmente se aquece antes de comer. (N. da T.)

Joann era viciada em comida de plástico, o que ainda tornava mais espectacular o facto de ser tão magra. Tinha quarenta anos, era divorciada, tinha um filho de dezoito anos, que se fora embora na semana passada para passar o resto do Verão com o pai antes de ir para a faculdade, e não parecia ter mais de trinta. Usava o cabelo louro cortado curto quase à rapaz, e estava sempre a piscar os olhos azuis. Joann era frequentemente a voz da razão quando as emoções se descontrolavam no escritório, coisa que acontecia regularmente. O trabalho que faziam era de tal maneira intenso, e por vezes tão angustiante, que mini-cries eram a regra e não a excepção.

— O que estás aqui a fazer hoje? — perguntou Milla.

— Papelada, o que havia de ser? E tu?

Milla suspirou. — Papelada. E queria verificar um número de telefone no computador.

— Que número de telefone?

— O da chamada que recebi no meu telemóvel na sexta-feira à tarde, com a informação sobre o Diaz. É um indicativo de El Paso, pelo que estou curiosa.

— Ligaste para lá?

— Ainda não. Ontem à noite ia para fazê-lo, mas já era tarde — ou cedo — e decidi esperar. E se conseguir descobrir antes para quem estou a falar, tanto melhor.

Foi para o seu gabinete e ligou o computador. Enquanto a máquina levava a cabo as suas contorções digitais, virou-se para a secretária e vasculhou no monte de papelada para tirar para fora aquilo de que conseguiria tratar no curto tempo de que dispunha.

O sistema informático estava a precisar de reforma, pensou ao escutar os bips e zunidos atrás de si. Ali estava mais uma despesa sempre a ser deixada para trás, pois havia sempre alguma coisa mais importante, mais urgente, onde gastar os fundos de que dispunham. Enquanto o sistema actual ainda funcionasse, não podia justificar o gasto de milhares de dólares num novo.

Completada a ligação, girou a cadeira, acedeu à Internet, foi ao Google e digitou o número de telefone. Em dois segundos, tinha o nome da estação de serviço em que a chamada havia sido feita, e a morada. Atrás dela, ouviu Joann entrar no gabinete.

— Encontraste alguma coisa?

— É uma estação de serviço.

Joann apoiou o quadril na secretária e aguardou enquanto Milla marcava o número. Atenderam ao quinto toque. — Estação de serviço.

Atendimento comercial, pensou Milla. — Bom dia, daqui fala Milla

da Finders; recebemos uma chamada feita daí por volta das seis da tarde de Sexta-feira. Pode dizer-me...

— Desculpe — disse o homem, impaciente. — Isto é um telefone público. Não tenho tempo para estar a ver quem o usa. Foi uma chamada hostil?

— Não, foi uma chamada legítima; só estou a tentar entrar em contacto com o indivíduo que a fez.

— Não posso ajudá-la. Lamento. — Desligou, e Milla soprou de frustração ao fazer o mesmo.

— O que é que ele disse? — perguntou Joann com impaciência.

— Sim — disse uma voz grave, desprovida de emoção, atrás delas. — O que é que ele disse?

Joann deu um pulo e soltou um guinchinho assustada ao mesmo tempo que se voltava. Milla pôs-se tão abruptamente de pé que a cadeira foi para trás e bateu contra a secretária, e sem saber como encontrou-se de pé ao lado de Joann, petrificada, a olhar para o homem que lhe bloqueava a porta do gabinete. Sentiu arrepios na espinha e o coração a martelar-lhe no peito. Estavam sozinhas no escritório. A porta estava fechada à chave. Como é que ele entrara? O que é que ele queria?

Não estava armado, pelo menos aparentemente. Mas embora tivesse as mãos vazias, isso não a tranquilizou, pois os olhos dele eram os olhos mais frios e distantes que ela jamais vira. Estava a olhar para os olhos de um assassino, e embora estivesse tão assustada que tremia, havia algo de hipnotizador naquele olhar e deu consigo incapaz de desviar o seu. Como uma cobra-capelo, pensou, que hipnotiza a presa antes de atacar.

Havia uma quietude sobrenatural nele, como se não fosse bem humano.

Ao lado dela, Joann ofegava, de olhos arregalados fixos sem pestanejar no intruso. Milla tocou a mão de Joann num gesto tranquilizador e Joann apertou imediatamente a sua com toda a força.

O homem olhou de relance para as mãos engalfinhadas de ambas, depois de volta para os seus rostos. — Não me faça perguntar outra vez — disse, ainda naquele tom completamente vazio.

Aquela voz. Ela conhecia aquela voz. Mas o pânico ainda lhe martelava nas veias, e não conseguia lembrar-se. Milla engoliu em seco e arranjou maneira de fazer soar as palavras através da garganta apertada, mas a voz soou esganiçada. — Era um telefone público. O homem disse que não sabia quem o tinha usado, que tinha demasiado que fazer para prestar atenção.

Um ligeiro descair de pálpebras foi o único indicador de que o intruso ouvira a resposta dela.

Não havia forma de passarem por ele. Não era nenhum gigante, mas

era suficientemente grande, um metro e oitenta e seis, talvez um metro e oitenta e nove, com uma constituição magra e sólida que dizia que todo ele era músculo e força, com o seu quê de rapidez de cascavel. Todo ele era escuridão, uma sombra cheia de uma ameaça palpável.

E então lembrou-se, e sentiu-se tonta quando o sangue lhe fugiu da cabeça. Inclinou-se e apoiou-se na beira da secretária para não cair. — Você é o homem que me atacou — disse numa voz trémula de choque. E nesse instante apercebeu-se de algo mais, algo que lhe fez fraquejar os joelhos e quase cair. — *Você é o Diaz.*

A expressão dele manteve-se inalterada. — Ouvi dizer que queria falar comigo — disse.

| 7 |

Oh, Deus. *Diaz*. Lembrou-se do que True dissera, que Diaz era um assassino, e acreditou nele. Não tinha qualquer dúvida.

Devia ter esperado isto. True dissera-lhe há poucas horas que as pessoas faziam passar a palavra de que queriam Diaz, e ele descobria-as. Ela anunciara para uma *cantina* cheia de homens que pagaria uma recompensa a quem quer que fosse que lhe desse informações sobre Diaz, sabendo que ele estava nas imediações, talvez até a ouvir. Talvez devesse estar admirada por Diaz ter levado trinta e seis horas a aparecer; poderia ter estado à sua espera na véspera de manhã. Depois lembrou-se de que dera aos homens na *cantina* o seu verdadeiro nome, *Milla Edge*, em vez de *Milla Boone* como fazia normalmente. O telefone dela constava na lista com o apelido “Edge”; quando dissera a True que o seu nome não constava na lista telefónica, referia-se a “Milla Boone”. O próprio True só tinha o número dela de casa porque ela o rabiscara no verso de um cartão de visita. Se Diaz tivesse acertado na muche, poderia ter-lhe entrado em casa mesmo antes de se levantar nessa manhã.

Ou talvez tivesse tido alguma coisa mais interessante que fazer.

Ele entrou dentro do gabinete e fechou a porta, depois desviou-se para o lado de modo a não ficar de costas para aquele vidro todo. Ao fazê-lo bloqueou-lhes a saída através da extremidade aberta da secretária de Milla, em forma de U; se quisessem sair de trás da secretária, teriam de saltar-lhe por cima.

Ele puxou uma das cadeiras e sentou-se, depois estendeu as pernas e cruzou um pé calçado de bota sobre o outro. — Estou aqui — disse. — Fale.

Parte da mente de Milla estava em branco; o que é que se dizia a um assassino? Olá, prazer em conhecê-lo? Mas a outra metade do seu cérebro estava a juntar as peças do *puzzle* e a chegar a conclusões óbvias. Obviamente, Diaz não era o homem só com um olho. Mas estivera a observar o encontro de sexta-feira à noite, por isso ou estava à caça de um dos homens envolvidos ou andava a segui-los, à espera de que eles o levassem ao seu alvo. Desconfiava que devia ser o último caso, pois limitara-se a observá-los. E se alguém podia encontrar o homem só com um olho, era Diaz. Talvez ele soubesse onde estava o sacana nesse preciso momento.

Lentamente, Milla e empurrou Joann para o lado e passou à frente dela. Não era justo que Joann fosse arrastada para o meio disto quando era assunto de Milla, e problema seu. Milla puxou a sua cadeira para fora do U protector da secretária e sentou-se, com os joelhos quase a tocarem as pernas dele, embora tivesse o cuidado de manter esses centímetros preciosos de espaço entre os dois.

— O meu nome é Milla Edge — começou.

— Eu sei.

A completa ausência de expressão facial no rosto dele era enervante. Tudo nele era enervante, e no entanto sabia que podia ter passado por ele na rua e sem olhar duas vezes. Não era um louco chapado, como seria de esperar de um maníaco homicida; em vez disso parecia muito controlado e desprendido. Tinha o cabelo escuro cortado curto e o maxilar coberto por uma barba de um dia, mas isso não era nada de ignominioso. A sua banal *T-shirt* verde-azeitona estava limpa, tal como as calças de ganga pretas e as botas pretas de sola de borracha. As mangas curtas da *T-shirt* ficavam-lhe justas nos bíceps, mas os seus braços eram mais rijos que grossos, estriados de músculos e veias. Se tinha uma arma com ele, pensou ela, tinha de estar enfiada numa das botas. Aquilo não era propriamente tranquilizador, nem o facto de ele estar sentado numa posição tão descontraída. Uma serpente podia atacar sem aviso, mas o verso que lhe acudiu à mente não tinha a ver com serpentes; tinha a ver com uma pantera. Ogden Nash¹² dissera: “Se fores chamado por uma pantera, não tremas.” E no entanto fora ela que chamara uma, e agora tinha que se haver com isso.

À excepção da olhadela fugaz que ele lançara à mão de Joann a apertar a dela, nem uma só vez desviara os olhos do rosto de Milla, e isso era a coisa mais enervante de todas.

¹² Poeta norte-americano (1902 – 1971) famoso pelas suas rimas incisivas e jocosas, como a aqui citada: “*If called by a panther, don’t anther*”. (N. da T.)

— Ouvi dizer que localiza pessoas — disse Milla suavemente.

Atrás dela, Joann fez um movimento abrupto. — Milla — começou a dizer numa voz aguda, e Milla soube que ela ia dizer que aquilo não era boa ideia, que talvez fosse melhor reconsiderar, e todas as outras coisas sensatas que podiam ser ditas. O olhar de Diaz não vacilou, e Milla levantou a mão para impedir as objecções da amiga.

— Ocasionalmente — disse Diaz.

— O homem só com um olho, no encontro de sexta-feira à noite. Quero encontrá-lo.

— Ele não é nada. Não é importante. — Havia uma ligeira inflexão na maneira dele falar, não no tom de voz mas na forma como pronunciava as palavras, talvez como se o inglês não fosse a sua primeira língua. Falava um inglês perfeito e com sotaque do oeste do Texas, mas havia ainda mais qualquer coisa, além do seu nome, que tinha a ver com o México. Macacos a mordessem se ele nascera nos Estados Unidos.

— É importante para mim — disse, e susteve a respiração. Lá estava o sucesso mais uma vez com o seu canto de sereia, a seduzi-la. Este homem dava-lhe uma verdadeira oportunidade de descobrir o que acontecera ao seu filho, e se estava a lidar com o diabo, deixá-lo. — Há dez anos, roubaram-me o meu filho de seis semanas. O meu ex-marido é médico; ele e alguns colegas tinham montado uma clínica gratuita numa das zonas mais pobres de Chihuahua e vivemos ali um ano. O meu bebé nasceu lá. Estava no mercado e dois homens arrancaram-mo à força, mas eu ofereci resistência, e arranquei o olho esquerdo ao homem que tinha o meu filho. O outro homem esfaqueou-me nas costas, e fugiram os dois. Nunca mais vi o meu bebé.

Algo reluziu no olhar dele, uma alteração mínima que assinalou o seu redobrar de atenção. — Então é você a tal.

— A tal? — papagueou ela.

— Que cegou esse porco do Pavón.

Pavón. Oh, meu Deus, era esse o nome dele. Ao fim de dez anos, *sabia o nome dele.* Fechou os olhos e inspirou fundo, cerrando os punhos. O martelar do coração tinha começado a atenuar-se, mas agora batia-lhe ainda com mais força no peito, ensurdecendo-a com o sangue a borbulhar-lhe nas veias. Queria gritar. Queria chorar. Queria levantar-se de um pulo e ir procurá-lo *imediatamente*; queria bater-lhe com a cabeça contra uma parede até ele lhe dar as respostas que desejava. Mas duas dessas coisas não podia fazer, e uma recusava-se a fazer, de maneira que em vez disso pressionou os punhos trémulos violentamente cerrados contra os olhos e lutou para se dominar.

— Sabe o primeiro nome dele? — perguntou numa voz tensa.

— Arturo.

Arturo Pavón. As letras gravaram-se-lhe na memória. Tal como jamais se esquecera do seu rosto, jamais se esqueceria do seu nome, ou deste momento. Durante tanto tempo lutara e persistira com praticamente nada a que se agarrar; agora de repente as coisas mudavam tão depressa que lhe parecia que o mundo se tinha inclinado no seu eixo. Logicamente, estivera ciente de que provavelmente nunca encontraria Justin. Emocionalmente, fora incapaz de deixar de o procurar. Agora, por fim, havia uma possibilidade real de poder pelo menos descobrir se ele tinha *sobrevivido*. E se conseguisse mesmo descobri-lo, descobrir o seu rapazinho...

— Pode encontrá-lo? — perguntou, inclinando-se para a frente como se por pura força de vontade pudesse dobrar os acontecimentos à medida dos seus desejos. — Quero falar com ele. Quero saber o que ele fez ao meu filho...

— O seu bebé foi vendido — disse ele num tom categórico. — O Pavón não lhe saberia dizer a quem. Não passa de um *pendejo*, um *gañan*.

Milla pestanejou. *Gañan* percebia ela: “capanga”. Mas a menos que estivesse enganada, Diaz chamara a Pavón um pêlo púbico. Obviamente escapavam-lhe algumas subtilidades das expressões idiomáticas mexicanas. — De um quê?

— De um nada. É um homenzinho que se limita a cumprir ordens. — Diaz encolheu os ombros. — E é também um detestável filho da mãe sem qualquer valor, mas o essencial é que não tem qualquer autoridade.

— Não deixa de ser o meu único elo de ligação, e eu tenho de seguir a pista para encontrar o meu filho.

— Pode seguir a pista, mas o mais provável é que isso apenas a leve ao ponto de partida. Os traficantes não mantêm registos. Ele lembrar-se-á de *si*, claro, e provavelmente do seu bebé, mas tudo o que saberá é que o bebé foi levado através da fronteira e vendido. É tudo.

Ela não podia aceitar que a pista não levasse a sítio nenhum. Pavón não teria estado em condições de levar ele próprio o bebé através da fronteira; a pessoa mais provável para o fazer teria sido o segundo homem, o que a esfaqueara. Pavón saberia de certeza o nome desse homem. E quando ela descobrisse esse homem, ele saberia outro nome. Se ela simplesmente continuasse a procurar, eventualmente acabaria por encontrar Justin.

— Não deixo de querer encontrá-lo — disse teimosamente. — Você estava a observá-lo naquela noite, impediu-me de...

— ... se matar.

— Sim — admitiu. — Provavelmente. Não que fosse intenção sua proteger-me, apenas não queria que eles soubessem que estavam a ser ob-

servados. Mas uma vez que de qualquer maneira lhe anda a seguir o rasto, porque é que não pode...

— Eu não lhe sigo o rasto em particular — interrompeu Diaz. — Sigo a serpente de volta à sua toca.

— Mas sabe onde ele se encontra.

— Não. Não sei.

Ela teve vontade de gritar de frustração. Não ia aceitar um beco sem saída agora; simplesmente não ia. — Pode descobri-lo.

— Posso descobrir quem quer que seja. Mais cedo ou mais tarde.

— Porque não desiste. E eu também não posso desistir. Se é uma questão de dinheiro, claro que lhe pagarei. — Não podia em boa consciência deixar que fosse a Finders a pagar a conta, mas dar-lhe-ia cada centavo das suas poupanças, e imploraria mais a David se necessário fosse. Não que fosse preciso implorar; David faria qualquer coisa para a ajudar a encontrar Justin.

Diaz olhava para ela com um ténue brilho de curiosidade nos olhos, como se ela fosse uma espécie alienígena e ele não conseguisse perceber o que a movia. Ele era um homem manifestamente muito insensível; ela era uma mulher que sentia, talvez de mais. Dado que não podia apelar às emoções dele, tentou em vez disso apelar à sua lógica. — A Finders tem uma enorme rede de pessoas, contactos que nem imagina. Se me ajudar, eu ajudá-lo-ei.

— Eu não preciso de ajuda. — O seu olhar estava outra vez frio e distante. — E trabalho sozinho.

Tinha de haver alguma coisa que ela lhe pudesse oferecer. — Um cartão verde? — Podia puxar uns cordelinhos, atalhar umas voltas.

Pela primeira vez vislumbrou-se uma verdadeira expressão no rosto dele: divertimento. — Eu sou cidadão americano.

— O quê, então? — perguntou, frustrada. — Porque é que não aceita o trabalho? Não lhe estou a pedir que mate ninguém; só que me ajude a encontrá-lo. — Ou talvez fosse isso; talvez o que o movesse fosse o frémio da caça, a luta de morte.

— O que a leva a pensar que eu mataria alguém por si? — A voz dele soava de novo branda, o rosto duro e impenetrável.

Normalmente ela era discreta a respeito dos seus informadores, mas tinha os nervos em franja, a darem cabo dela. De alguma forma, conforme pudesse, tinha de convencer Diaz a ajudá-la. — True Gallagher conseguiu sacar algumas informações para mim, a respeito de alguém chamado Diaz que poderia estar ligado ao rapto do meu filho.

— True Gallagher... — repetiu ele, como que a testar o nome na língua.

— É um dos nossos patrocinadores.

— E essas informações diziam... — incitou ele.

— Que você é um assassino. — Não ocultou a verdade, nem tentou camuflá-la. Talvez ele não fosse assassino nenhum, mas ela continuava a não ter dúvidas de que ele podia matar e já o tinha feito. E se o fosse, saber que ela estava de olhos arregalados para tudo o que lhe dizia respeito e mesmo assim disposta a contratá-lo, talvez fizesse a diferença na sua decisão.

Joann emitiu um breve som chocado, mas ele não olhou para ela.

— O seu informador está errado. Há razões pelas quais eu mataria. Posso ser pago, mas não o faço por dinheiro.

O que de maneira nenhuma dizia que ele nunca tivesse matado ninguém, ou que não mataria outra vez. Mas estranhamente ela acreditou nele e sentiu-se tranquilizada. Pelo menos tinha alguma espécie de bússola moral, um padrão pelo qual se guiava.

Ele uniu as pontas dos dedos, observando-a por cima deles enquanto parecia considerar alguma coisa. Por fim disse: — Fale-me dessa informação que teve a meu respeito na sexta-feira à noite.

— Não há muito que dizer. O homem que falou era hispânico. Apenas disse que você estaria presente num encontro atrás da igreja em Guadalupe, às dez e meia. A chamada foi feita da estação de serviço, e o proprietário nada sabe a seu respeito.

Ela não conseguia ler o que estava por detrás daqueles olhos frios e escuros, mas podia imaginar que ele estava a passar em revista pessoas conhecidas e possibilidades.

— Na altura, pensei que talvez o nome de Pavón fosse Diaz — explicou. — Tudo o que tinha eram vagos rumores de que um homem chamado Diaz estava envolvido nalguns desaparecimentos. Pensei que você talvez fosse o homem só com um olho, porque o seu nome aparecia sempre ligado a ele.

— Não tenho qualquer ligação com ele.

— Ouvi dizer que ele trabalha para si.

Os olhos dele tornaram-se ainda mais frios.

— A questão é que ando há dois anos a pedir informações a seu respeito. Qualquer um podia ter telefonado. — Fez uma pausa, ocorrendo-lhe outra questão. — Embora, dado que ofereço recompensas desde o início, seja estranho ter recebido uma informação anónima e que não tivesse havido qualquer tentativa para receber a oferta.

— Não seria qualquer pessoa a ter informações sobre o meu paradeiro.

E aquilo não lhe agradava.

— Quem é que sabia onde você poderia estar? — perguntou ela. —

Qualquer pessoa a quem o tivesse dito, obviamente. E a pessoa que lhe deu a *si* a informação sobre o encontro.

— Eu não disse a ninguém, o que limita a lista de possibilidades. A questão é, porquê?

— Eu e o Brian pensámos que lhe estivessem a armar uma cilada, mas obviamente não era esse o caso. O Pavón e os outros não faziam ideia de que você ali estava.

— Brian — disse ele. — Esse era o homem escondido do outro lado do cemitério?

Então ele também vira Brian. Ela assentiu. — Ele também trabalha para a Finders. Tínhamos saído em serviço e vínhamos a caminho de casa quando recebi o telefonema.

Algo se estava a passar. Era quase como se ela tivesse sido deliberadamente atirada ao caminho de Diaz. Não precisava de ler-lhe a expressão para saber o que lhe ia no pensamento, pois ele estava a pensar o mesmo.

— Eu ajudo-a — disse ele abruptamente, e pôs-se em pé de mansinho. — Eu contacto-a.

Deixou o escritório e uns segundos depois ouviram o som da porta de entrada a fechar-se. Milla e Joann ficaram a olhar uma para a outra, depois correram ao mesmo tempo para a janela para ver para onde é que ele ia.

As escadas para o escritório estavam vazias. Assim como o parque de estacionamento. Não havia sinal dele, e embora Milla abrisse a porta para ver se escutava o som de um motor de um carro a ser ligado, não ouviu nada. Era como se ele se tivesse eclipsado.

— Como ele saiu, sei eu — disse ela, confusa. — Mas como é que ele entrou?

— Não sei — gemeu Joann, deixando-se cair na cadeira mais próxima. — Meu Deus, nunca tive tanto medo na vida! Ele provavelmente já aqui estava quando cheguei. Se quisesse, podia ter feito qualquer coisa.

Milla foi de janela em janela verificar se alguma dava mostras de ter sido forçada. Não era detective, mas contudo não viu quaisquer mossas novas nos fechos nem qualquer das janelas estava partida. Fosse qual fosse o método que ele usara para entrar, não deixara dele qualquer prova evidente.

Joann estava visivelmente a tremer. — Não posso crer que te tenhas sentado a conversar com ele, fresca que nem uma alface. É o homem mais assustador que eu vi na vida.

— Pareci-te fresca? — Milla engoliu em seco e também puxou uma cadeira. — Impossível. Estava a tremer de tal maneira que mal me aguentava de pé, por isso tive de me sentar.

— Não reparei. Achei que ele nos ia matar. Aqueles olhos... foi como olhar para a minha própria morte.

— Mas ele não nos matou, e deu-nos a informação que ando a tentar obter há dez anos. — Milla fechou os olhos. — Arturo Pavón. Tenho um nome. Finalmente, tenho um nome! Sabes o que isto significa? — As lágrimas assomaram-lhe aos olhos e transbordaram-lhe por baixo das pálpebras fechadas. — Agora tenho uma verdadeira oportunidade de encontrar o meu bebé; pela primeira vez tenho uma oportunidade!

| 8 |

A angariação em Dallas teve mais sucesso do que ela esperava; não só se conseguiu dinheiro como a Finders arranjou uma empresa patrocinadora, uma companhia de *software* que lhes prometeu actualizar o sistema informático. Visões de computadores novos bailaram no pensamento de Milla, mas não foi isso que a manteve acordada na cama de hotel nessa noite.

Sentia-se inundar de entusiasmo de cada vez que pensava no que acontecera nessa manhã. Sentia-se como se tivesse mergulhado de cabeça num incêndio e houvesse escapado ilesa; estava quase tonta de esperança. Queria ligar a David, queria dizer-lhe que finalmente estava a fazer verdadeiros progressos, que tinha o nome do raptor e que um perito — o que mais podia ela chamar a Diaz? — estava a ajudá-la a localizá-lo. Queria partilhar o seu júbilo com alguém, e quem melhor do que o pai de Justin?

Mas esse era um telefonema que ela se recusava a fazer. David já não era seu marido. Tinha outra família, e Milla tomava muito cuidado para não se intrometer nela. Não sabia, e jamais perguntaria, se a mulher de David levava a mal o dinheiro que David lhe dava todos os anos. Dentro do possível, Milla tentara tornar a separação irrepreensível, para não dar à nova Sr^a Boone azo a irritações.

À nova Sr^a Boone? Milla teve de se rir de si própria. O nome da mulher de David era Jenna, era uma mulher impecável e estava casada com David há duas vezes mais tempo do que Milla estivera.

Quando tivesse algo de concreto a respeito de Justin, então ligaria a David. Não o punha a par de cada rumor e desenvolvimento. Ele telefonava-lhe mais ou menos duas vezes por ano, e era nessas alturas que ela o informava de quaisquer progressos, que ao longo de dez anos tinham sido pouquíssimos. Para manter as coisas o mais pacíficas possível na sua vida privada, ela nunca lhe ligava. Ponto final. A mulher de um cirurgião já tinha

ralações de sobra no dia-a-dia, com as longas horas de trabalho e emergências do marido, que pareciam acontecer exactamente quando ele se sentava para jantar ou estavam prestes a partir de férias. Não havia necessidade de acrescentar ao turbilhão os telefonemas de uma ex-mulher.

Não podia conter o entusiasmo, a sensação de expectativa, de maneira que desistiu de tentar dormir e em vez disso reviu e tornou a rever em pensamento tudo o que acontecera e fora dito nessa manhã, desde a hora em que True ligara até ao momento em que Diaz desaparecera.

O maior mistério para ela — embora talvez não para Diaz — era quem lhe teria ligado a informar do encontro em Guadalupe, e porquê. A razão não podia ser a recompensa, visto que a chamada tinha sido anónima. Mas alguém a pusera no caminho de Diaz, e ela não sabia se a intenção tinha sido ajudá-la ou prejudicá-la. Diaz bem podia tê-la matado, em vez de a deixar inconsciente. E, depois de o conhecer, ela não achava que o facto de eventualmente a ter matado lhe roubasse o sono.

Esmiuçou o cérebro mas não conseguiu descobrir nenhuma razão lógica para o telefonema, e por fim decidiu simplesmente dar graças pelas suas bênçãos. Talvez Diaz fosse uma bênção ambígua, mas a verdade é que, no espaço de uns minutos, lhe dera informação inestimável e lhe oferecera a melhor oportunidade que jamais tivera de encontrar Justin.

Não podia acreditar que o tinha convencido mesmo a ajudá-los. Não podia acreditar que se tinha sentado tão perto dele que apenas uns centímetros lhes separavam os joelhos, e fingido não estar aterrorizada com ele. Os olhos dele eram os mais frios e vazios que ela alguma vez vira, como se nenhuma emoção o tocasse. Quase lhe chamaria sociopata não fosse ele de facto parecer ter algum mecanismo interno de travagem da sua violência inerente. Ele *distinguia* o certo do errado, pensou ela, mas não o *sentia*. Se escolhia fazer o que percepcionava como certo, era mais uma decisão mental do que emocional.

Mas por causa disso mesmo, achava que podia lidar com ele. Eles — a Finders — não corriam perigo com ele. Ele podia-a ter matado a ela e a Brian naquela noite em Guadalupe, simplesmente por estarem no seu caminho, mas não o fizera porque não constituíam uma ameaça para ele — para o seu objectivo, talvez, mas não para *ele*. Desde que ela estivesse bem certa das suas fronteiras, achava que podia confiar nele e trabalhar com ele.

Assim esperava.

Tendo em conta a reacção de True ao nome de Diaz, decidiu não dizer que o próprio em pessoa lhe aparecera no escritório. True tinha uma faceta protectora que ela achava encantadora ainda que soubesse que precisava manter as distâncias dele. Ele poderia chamar a Polícia, o que era a última coisa que ela queria.

Pensou pedir a True que tentasse descobrir o que podia a respeito de Arturo Pavón, mas decidiu não o fazer. Para começar, ele queria saber como é que ela tivera conhecimento do nome e não lhe agradava a ideia de lhe mentir declaradamente, tendo ele sido tão prestável. Depois, Diaz não havia de gostar. Não sabia como o sabia, mas tinha a certeza disso. Diaz gostava de trabalhar sozinho, com muito pouca gente, se alguma, que soubesse do seu paradeiro ou do que andava ele a fazer. Se tanto ele como True andassem à procura de Pavón, muito provavelmente acabariam por se cruzar. Não, ele não havia de gostar nada disso. Até talvez deixasse de ajudá-la, e nem pensar em correr esse risco.

Por isso, quanto menos pessoas soubessem de Diaz, melhor. Tomou mentalmente nota para ligar a Joann logo de manhã, antes de ela ir para o escritório, a dizer-lhe que não falasse de Diaz a ninguém.

•

Apanhou o primeiro avião de Dallas para El Paso, passou por casa a deixar a bagagem e seguiu para o escritório. Cedo como era, o calor começava já a tornar-se opressivo, fazendo-a lembrar-se de como ansiava pelo Inverno.

Quando entrou no escritório, reparou imediatamente que Brian estava com um espírito brincalhão, que se manifestava sempre em meter-se com Olivia e deixá-la furiosa. Hoje estava a dar-lhe conselhos de moda, e não estava a correr nada bem, para gáudio de todos os que o ouviam, que eram a maior parte do pessoal.

— Devias experimentar um novo penteado — estava ele a dizer, encostado ao canto da secretária dela. — Alguma coisa chamativa. E com mais volume. Sabes, com ondulações e jeitos e coisas assim.

Com cada princípio feminista seu insultado, Olivia lançou-lhe um longo olhar gélido. — Com quem achas que me pareço, com a Farrah foda-se Fawcett?

— Não, mas podias experimentar — disse ele, sério.

Brian era jovem, grande e rápido, mas por um instante Milla pensou que talvez isso não bastasse para lhe salvar a vida. Olivia pôs-se em pé devagar até ficarem quase nariz contra nariz, o que, com um metro e cinquenta e oito, ela apenas podia fazer porque ele se encontrava sentado na sua secretária. — Meu menino — disse ela deliberadamente —, já dei cabo de homens mais capazes do que tu; usei-os, espremi-os e deitei-os fora. Não tentes jogar fora da tua liga.

Brian fazia mesmo bem o papel de *bronco*. — O quê? — disse ele, parecendo confuso. — Só estou a tentar ajudar. Sabes, dar-te algumas deixas.

— A sério? Não sabia que os Neandertais eram peritos em moda.

Ele abriu-se num sorriso. — Uma boa peiça vai longe.

— Fala a voz da experiência.

Joann cruzou o olhar com o de Milla e apontou para o gabinete dela. Milla olhou e quase gemeu alto quando viu quem estava à sua espera. A Sr^a Roberta Hatcher andava à procura do marido, que desaparecera num fim-de-semana há várias semanas quando ela estava em Austin de visita à irmã. Dado que as roupas do Sr. Hatcher também tinham desaparecido, assim como o seu carro e metade do dinheiro que tinham na conta à ordem, a Polícia concluíra correctamente que não havia nada de mais envolvido, que o Sr. Hatcher tinha-se ido embora por sua livre vontade e que não havia nada que pudessem fazer. Ela voltara-se então para a Finders a pedir ajuda, e recusara-se a aceitar um não como resposta.

Lançando um olhar apreensivo a Brian e Olivia — Milla esperava que a filosofia antiviolência de Olivia se mantivesse firme —, entrou no seu gabinete e sorriu para a Sr^a Hatcher. — Bom dia, Roberta. Aceita um café?

Roberta abanou a cabeça. Era uma mulher rechonchuda e simpática já a ficar grisalha, de cinquenta e muitos anos, com o tipo de rosto redondo e jovial cuja expressão natural seria adornada de um sorriso. No entanto, desde que Benny Hatcher desaparecera numa tarde de sol, os seus olhos encontravam-se frequentemente vermelhos de chorar e Milla bem podia esperar por vê-la sorrir.

Se pudesse pôr as mãos no Sr. Hatcher, pensou Milla, de bom grado o estrangularia. Como se atrevia ele a fazer passar a mulher por aquilo? Se queria ir-se embora, devia ao menos ter tido a coragem e a delicadeza de lho *dizer*, em vez de a deixar assim abananada. Ela não deixaria de ficar com o coração destroçado, claro, mas pelo menos saberia o que se estava a passar, que ele estava vivo, e qual era o seu estatuto legal. Encontrava-se num limbo, estava a sofrer, e o Sr. Hatcher precisava de um bom pontapé no rabo.

— Por favor, ajude-me — disse Roberta numa voz baixa e ligeiramente rouca, como se tivesse chorado tanto que ficasse com a garganta inflamada e inchada. Milla sabia bem de mais qual era a sensação. — Bem sei que me disse que ele não é propriamente uma pessoa desaparecida, que se foi embora por sua livre e espontânea vontade, mas não percebe, eu não *sei* isso, não de certeza. E se algum criminoso o induziu a fazer alguma, e agora ficou sem dinheiro e com vergonha de voltar para casa, ou se está ferido ou mesmo morto? Contactei algumas agências de detectives privados, como me aconselhou a fazer, mas não tenho dinheiro para isso. Mesmo a mais barata de todas está além das minhas posses. Por favor.

— Não posso — disse Milla, tão abalada como a Sr^a Hatcher. — Nós estamos no mesmo barco. Não dispomos de fundos ilimitados; poupamos cada cêntimo e arranjamó-nos com o que temos e o que não temos. Olhe

para este escritório. Pode ver que guardamos a maior parte dos nossos fundos para as nossas buscas. O mais provável é que o Sr. Hatcher a tenha deixado e não tenha tido coragem para lho dizer. Como posso eu justificar usar os nossos recursos para localizar alguém que quase de certeza se foi embora de sua livre vontade?

— Mas não pode verificar o registo dele na Segurança Social para ver se não estará a trabalhar em qualquer lado?

— Isso requer um serviço de assinatura especial, e nós não o temos. As pessoas que procuramos estão perdidas, não escondidas. — Esfregou a testa, tentando pensar numa solução. — Já tentou o Exército de Salvação? Eles localizam familiares desaparecidos. Acho que é um serviço esporádico gratuito e não sei se o farão nestas circunstâncias, mas talvez possam ajudar.

— O Exército de Salvação? — murmurou Roberta. — Não sabia que eles faziam este tipo de coisas.

— Fazem, mas, tal como disse, não sei quais os requisitos. Se eles não a puderem ajudar, então por favor vá consultar um advogado. Faça o que puder para se proteger legalmente.

Uma única lágrima escorreu pela face de Roberta. — Eu não contei nada aos miúdos, disse, desfeita. — Como é que eu lhes digo que o pai se foi simplesmente embora?

Ela tinha dois filhos, ambos casados e com os seus próprios filhos. — Simplesmente, diga-lhes — disse Milla. — Tem de fazê-lo, em vez de deixar que eles descubram de outra maneira qualquer. E se ele lhes liga? Então ficam zangados consigo por não lhes ter dito o que se passava.

— Suponho que sim. — Enxugou as faces. — Acho que continuo à espera que ele venha para casa e eles não tenham necessidade de saber nunca.

— Já passaram quase três semanas — disse Milla gentilmente. — Mesmo que voltasse agora, aceitá-lo-ia de volta? Ainda o quer?

Outra lágrima rolou. — Ele não me ama, pois não? Se amasse, não tinha feito isto. *Não podia* tê-lo feito. Sei que me desleixei um bocado, mas tenho quase sessenta anos e é admissível ter-se cabelo grisalho aos sessenta, não é? Mas o Benny sempre se manteve em forma. E apenas tem alguns cabelos brancos.

— Não teria ele uma namorada? — Milla odiava dizê-lo, embora soubesse que a Polícia já fizera a mesma pergunta a Roberta. Na altura, em estado de choque, preocupadíssima e aterrorizada com a ideia de que a sua vida estivesse a desfazer-se, Roberta rejeitara automaticamente a ideia.

Agora, contudo, franziu o rosto e pôs a mão sobre os olhos. — Não sei — soluçou. — É possível. Jogava golfe quase todos os dias. Nunca o controlei. *Confiava* nele.

Milla calculava que houvesse quem jogasse golfe de bom grado mesmo debaixo do calor mais abrasador, mas todos os dias? Duvidava. E Roberta também, agora que via as coisas sob uma perspectiva diferente.

— Por favor, consulte um advogado — disse Milla outra vez. — E mude a conta bancária. Aposto que ainda não o fez, pois não? O nome dele continua na conta. E se ele lhe levanta tudo? O que fará nessa altura?

— Não sei, não sei — gemeu Roberta, oscilando ligeiramente para trás e para diante de tão perturbada que estava. Começou a remexer às cegas dentro da mala. Adivinhando o que ela procurava, Milla tirou um lenço de papel da caixa em cima da sua secretária e pô-lo na mão de Roberta.

Após uns instantes de lágrimas e assoadelas, Roberta inspirou fundo. — Acho que me tenho comportado como uma velha tonta nestas últimas semanas. Preciso de acordar e encarar as coisas. Ele deixou-me. Talvez tente isso do Exército de Salvação, mas tem razão: antes de tudo, preciso de alterar a conta bancária e salvar o que resta. — O queixo tremeu-lhe. — Hoje à noite ligarei aos rapazes a dizer-lhes o que se passa. Não posso crer que ele tenha feito isto. Deixar-me é uma coisa, mas então e os filhos? Ele sempre teve uma relação tão boa com eles. Deve saber que isto mudará tudo, portanto calculo que também não esteja muito preocupado com isso.

Milla não fez qualquer observação, embora suspeitasse de que mais cedo ou mais tarde o Sr. Hatcher entraria em contacto com os filhos, dizendo que lamentava e por aí fora, à espera de que tudo continuasse na mesma. Algumas pessoas simplesmente não viam as consequências das suas próprias acções, ou achavam que podiam dar a volta às coisas. Ela não achava que se pudesse alguma vez dar a volta àquilo, mas não tinha nada a ver com isso.

Roberta tinha os olhos vermelhos e inchados mas a cabeça erguida e o passo firme quando saiu do escritório. A porta mal se tinha fechado atrás dela quando o telefone de Milla tocou. Ela carregou no botão e afundou-se na cadeira, sentindo-se já exausta.

— Daqui fala Milla.

— Viva, meu doce. Estás livre para almoçar hoje?

Era Susanna Kosper, a obstetra que assistira ao parto de Justin na minúscula clínica gratuita no México. A vida às vezes era engraçada; Susanna e Rip, o marido, tinham gostado tanto dos Mexicanos que se tinham estabelecido em El Paso para exercer medicina. De forma a manterem-se nos Estados Unidos, mas perto da cultura de que tanto gostavam. Ainda faziam pelo menos duas viagens por ano para diferentes partes do México.

Susanna fazia um esforço para se manter em contacto com Milla, e tendo em conta o horário ocupado de um médico obstetra, isso significava alguma coisa. Havia uma ligação entre ambas pois Susanna estava na

clínica naquele dia horrível, e ela e Rip tinham colaborado na desesperada tentativa de David para salvar a vida de Milla. Por vezes passavam-se uns dois meses sem qualquer contacto entre as duas mulheres, devido aos seus horários tão preenchidos, mas sempre que podiam almoçavam juntas. Tinham de combinar as coisas em cima da hora, mas de alguma forma aquilo funcionava.

— A menos que surja alguma coisa — disse Milla. — Onde e a que horas?

— Meio-dia e meia. No Dolly's.

O Dolly's era um pequeno café na moda que servia comida de raparigas e estava sempre cheio ao almoço, apinhado de mulheres que queriam qualquer coisa mais leve do que o habitual. Alguns homens de negócios comiam lá, mas na sua maioria o sexo masculino mantinha-se bem longe das elegantes cadeiras e mesas do Dolly's.

Quando Milla desligou, Joann enfiou a cabeça pela porta. — Eu não falei dele — disse em voz baixa, e não foi preciso dizer mais nada. — Ele ligou hoje logo de manhã cedo. Pelo menos acho que era ele. A voz dele dá-me arrepios e o telefonema deixou-me com pele de galinha, por isso tenho quase a certeza de que era ele.

Milla nem a voz dele ouviu, mas sentiu a pele encolher-se com um arrepio. Esfregou os braços, distraída. — O que é que ele queria?

— Não disse. Perguntou se estavas. Eu disse-lhe que não, informei-o a que horas chegava o teu avião e que te esperava aqui, e ele desligou.

— Deste-lhe o meu número de telemóvel?

Joann pareceu preocupada. — Não. Ia fazê-lo, mas não sabia se tu querias que ele o tivesse.

Uma vez que ele provavelmente já tinha o seu endereço e telefone de casa, graças ao seu deslize de usar o seu verdadeiro nome em vez do nome de trabalho, Milla não via qual o problema de lhe dar o seu telemóvel. — Eu dou-lho quando voltar a estar com ele.

— Com quem? — perguntou Brian do limiar da porta.

O escritório bem podia ter um pouco mais de formalidade, pensou Milla olhando à sua volta. Por outro lado, a Finders era uma associação de pessoas dedicadas ao que faziam, não uma empresa. Ela era a figura de topo e directora de operações, mas, à parte disso, a estrutura era muito solta, e ela encorajara esse sentimento. Embora talvez falasse de Diaz a Brian mais tarde — não sabia ao certo como explicar como chegara a acordo com um homem que era essencialmente um justiceiro, e isso era ser simpática —, não estava preparada para lho dizer agora, de modo que evitou fazê-lo mudando de assunto.

— Brian, bem sei que estás só na brincadeira quando te metes com

a Olivia, mas não estou certa de que *ela* o saiba. Não quero confusões no escritório...

— Ela sabe — disse ele, enfiando os dedos nos bolsos das calças de ganga e lançando-lhe um grande sorriso, aquele largo e esplendoroso sorriso oh-bolas-sou-só-um-rapaz-da-província que ele usava para desarmar as pessoas. — Estamos só a reinar.

— Se assim o dizes — disse Joann, duvidosa. — Pela forma como as coisas pareciam há um minuto, estavam em vias de se engalfinharem.

— Ná. Ela é uma pacifista; não acredita em violências.

— A não ser que a faças passar das marcas — disse Milla. — E acho que estás perto disso.

— Confia em mim. — Ele piscou-lhe o olho. — O que foi que disseste à Sr^a Hatcher? Parecia uma mulher a marchar para a guerra quando saiu daqui.

— Convenci-a a mudar a conta bancária e a consultar um advogado.

— Graças a Deus — disse Joann. — Ela devia ter feito isso assim que descobriu que ele levantou metade do dinheiro.

— Não estava preparada para o ouvir. Tinha de ultrapassar o choque antes de lhe poder dar ouvidos.

— Espero que ele volte a rastejar daqui a uns meses e descubra que ela se divorciou dele — disse Brian. — O imbecil.

— Ámen. — Milla olhou para o monte de papelada em cima da sua secretária e suspirou. — Vou almoçar com a Susanna, se não surgir nada. Está tudo calmo?

— Sob controlo. Hoje logo de manhã atendi um grupo no Vermont que andava à procura de uma velhota com Alzheimer que saiu de casa e se perdeu, mas encontraram-na uma hora depois. E alguns universitários que saíram para passear pela Sierra Nevada não chegaram a casa na data prevista, de maneira que as coisas estão a ser organizadas por lá.

— Já deviam ter chegado há muito tempo?

— Há um dia. Supostamente deveriam chegar ontem à noite, mas as famílias não tiveram notícias deles.

— Esperemos pelo menos que eles tenham senso suficiente para se manterem juntos. — E que nenhum deles estivesse ferido. E que pelo menos algum deles tivesse dado o itinerário a um dos pais ou amigos. Milla ficava sempre siderada com a quantidade de pessoas que saíam à aventura para a natureza sem dizerem a ninguém onde iam.

Deu ao pessoal a notícia sobre o novo patrocinador de Dallas, e a promessa de um novo sistema informático, e depois instalou-se a tratar da papelada crescente.

Uma hora mais tarde, Olivia espreitou pela porta para fazer uma per-

gunta, e Milla aproveitou a oportunidade. — Se o Brian começar a ir longe de mais, diz-me.

— Eu posso bem com ele — disse Olivia, sorrindo. — Tudo bem, a sério. Ele acha que me pode provocar e eu gosto de espicaçá-lo. Quando ele se deixar de bailes e arranjar lata para me convidar para sair, fá-lo-ei esquecer-se de grandes cabeleiras e poucos miolos.

Convidá-la para sair? Milla arregalou os olhos. Era disso que se tratava? — Ele é ex-militar — exclamou Milla. — E conservador. É machista até...

— E também é dez anos mais novo — disse Olivia, abrindo-se num sorriso. — Soa bem, não achas? Duvido que nos ponhamos a discutir questões sociais, mas, se o fizermos, eu posso bem com ele. Quem sabe? Talvez o converta à minha maneira de pensar.

Estupefacta, Milla ficou a ver Olivia sair com um andar bamboleante. A química sexual era uma coisa espantosa. Tinha de habituar-se à ideia de ver Olivia e Brian juntos, mas de uma forma estranha até ligavam bem, pois eram ambos suficientemente voluntariosos para não se deixarem dominar um pelo outro.

Bem. Tinha sido uma manhã interessante.

O almoço com Susanna foi tão agradável como de costume. Susanna perguntava sempre como ia a Finders; desde o princípio que se mostrara verdadeiramente interessada e ocasionalmente aparecia nas angariações de fundos. Nunca se intrometia, nunca trazia à baila aquele dia horrível em que Justin fora levado, mas perguntava sempre como iam as coisas. Se Milla tinha alguma nova pista, contava-lhe, mas em geral nunca tinha nada para contar. Hoje, tinha, mas quando Susanna perguntou, Milla limitou-se a abanar a cabeça. Dado que por vezes Susanna comparecia nas angariações de fundos, encontrava-se mais ou menos no mesmo círculo social de True Gallagher, e Milla não se queria arriscar a que a amiga lhe dissesse alguma coisa. Mesmo que pedisse segredo a Susanna, Milla sabia que isso não aconteceria. Susanna diria a Rip, Rip diria a alguém, e antes que Milla desse por isso, True estaria ao telefone a desancá-la e Diaz desapareceria. Não podia arriscar isso, de maneira que se manteve calada.

A refeição estava quase no fim quando Susanna afundou a colher no gelado de papaia e perguntou casualmente: — Andas a sair com alguém?

Milla desatou-se a rir. Os boatos voavam depressa! — Se te referes ao True Gallagher, a resposta é não.

— Não foi isso que eu ouvi dizer. — Um minúsculo sorriso bailava ao canto da boca bem desenhada de Susanna, e os seus olhos estavam risonhos.

— Ele convidou-me, e eu recusei. É tudo.

— Ouvi dizer que ele te acompanhou ao carro no sábado à noite.
— Mas não fez mais que isso.
— Por amor de Deus, porque é que não sais com ele? Ele é um... —
Susanna fez uma pausa, e estremeceu ao de leve. — Ele é um *homem*, com H grande.

— Eu sei. E também é um dos patrocinadores da Finders.
— Isso significa o quê?
— Que eu não farei nada para pôr em risco os nossos fundos, venham eles do True ou de alguém que não gostasse de me ver sair com um dos patrocinadores.

— Tu não fizeste nenhum voto de castidade — disse Susanna, aborrecida.

— Eu sei. É opção minha. A Finders é mais importante para mim do que a minha vida social, ainda que o homem em questão não fosse um dos nossos financiadores.

— É por isso que acabas sempre com os tipos com quem sais?
Milla sorriu. — Na verdade, foram eles que acabaram comigo, não o contrário. E houve apenas dois desde que eu e o David nos divorciámos.

Susanna ficou boquiaberta. — Dois? Só saíste com dois homens?
— Eu não disse isso. Tenho saído, com alguns, quando posso. Que não é assim com tanta frequência, e muito menos ultimamente. Mas tive apenas duas quase-relações. Lembras-te do Clint Tidemore?

— Vagamente. Saíste com ele uma ou duas vezes.
— Mais do que isso. Foi um dos meus quases.
— Tipo giro.
— Sim, pois é. Queria-me por perto mais do que eu podia, e eu não estava disposta a delegar, de maneira que fomos cada um para seu lado.

— Não disseste nada. Pensei que ele fosse apenas alguém com quem saías de vez em quando.

— Não fazia sentido fazer aquilo parecer o que não era quando eu não estava disposta a ceder.

— Mas tens de fazê-lo. — A expressão de Susanna tornou-se séria.
— Mais cedo ou mais tarde, terás de fazê-lo. Toda a gente cede. É a única maneira de se seguir em frente.

— Talvez um dia — disse Milla. Um dia quando ela encontrasse Justin, e o diabo não lhe estalasse o chicote nos calcanhares. Até esse dia, não podia descansar, não podia deixar que alguma coisa mais importasse para ela.

— Que seja cedo e não tarde — aconselhou Susanna enquanto olhava de relance para o relógio e pegava na sua conta. — Tenho de me despachar. Começo as consultas às duas.

Milla também se pôs de pé, e abraçaram-se. Depois Susanna saiu disparada, com o pensamento já no trabalho. Milla deixou-se ficar para trás, pegando na mala e deixando a gorjeta, dado que Susanna se esquecera. Dois clientes meteram-se entre Susanna e ela na fila da caixa, e quando Milla finalmente saiu do café, o *Mercedes* vermelho de Susanna já ia a dois quarteirões de distância ao fundo da rua. Milla atravessou a estrada até ao local onde tinha estacionado o seu *Toyota SUV* de cabeça baixa, enquanto vasculhava o fundo da mala à procura das chaves do carro. Normalmente limitava-se a pôr as chaves no bolso, mas a saia justa que usava nesse dia não tinha bolsos.

Lá estavam elas. Estava quase no *Toyota* quando finalmente as encontrou. Sacou das chaves, olhou para cima, e mal conseguiu abafar um grito de susto quando quase chocou com o homem surgido do nada e que estava agora entre ela e o carro.

— Tenho estado à espera — disse Diaz.

| 9 |

— Não sabe que não devia andar assim de cabeça baixa? — continuou ele, com os olhos escuros semicerrados na sombra da aba do chapéu. — E devia ter sempre as chaves na mão antes de sair para a rua.

Graças a Deus que ela tinha os óculos escuros postos, pensou num ligeiro tumulto, de modo a ele não poder vê-la arregalar os olhos de susto. Ainda tinha o coração aos pulos, e estava com suores frios. Tinha de deixar de reagir daquela maneira, antes que ele se apercebesse de que ela praticamente ficava virada do avesso de cada vez que ele mexia um músculo.

O que não queria dizer que não o tivesse percebido já, pois viu-lhe um leve esgar na boca. Um esgar a que não se poderia nunca chamar um sorriso, mas que talvez quisesse ser um.

— Normalmente faço-o — deu consigo a explicar enquanto tentava meter a chave na fechadura. Tinha a mão a tremer ligeiramente e teve de tentar de novo antes de ser bem-sucedida. O próximo carro que comprasse, prometeu a si própria, teria sistema de abrir e fechar à distância. Quando abriu a porta, disse: — A Joann disse-me que ligou.

— Sim. — Ele inclinou-se diante dela e carregou no botão de des-